

HISTORIA DA PEDAGOGIA EM PORTUGAL

A Universidade e o espirito secular da instrucção humanista

§. 3. — O humanismo francez influe na reforma da Universidade por Dom Manoel em 1504

As duas Universidades de Bolonha e de Paris, uma fôco dos estudos juridicos, e a outra o centro activo das especulações da Philosophia e da Theologia escolastica, exerceram sobre toda a Europa uma missão civilisadora, alternando-se a sua influencia conforme a politica dos estados era accentuadamente democratica, ou mais francamente monarchica. As relações da Politica com a Pedagogia fazem-se sentir n'esta dupla influencia. Quando a organização politica consiste na decadencia das instituições democraticas pela preponderancia das *regalias* monarchicas, assim a influencia de Bolonha vae sendo substituída pela da Universidade de Paris. Cantu caracteriza as differenças organicas das duas Universidades: « A Universidade de Bolonha compunha-se de estudantes que elegiam os seus chefes, aos quaes os proprios professores estavam submettidos, ao passo que a de Paris era formada de professores a quem os estudantes estavam subordinados. Estes dois systemas prendem-se á fôrma do governo das duas cidades, e á natureza do ensino. Bolonha, como republica, comprazia-se a cultivar o estudo das leis, Paris, cidade monarchica, preferia o da theologia. O systema bolonhez propagou-se na Italia, no meio-dia da França e do outro lado dos Pyrenéos; o systema da França foi imitado em Inglaterra e

na Allemanha.» ¹ Era no meio-dia da Europa, que se conservavam as tradições municipaes; na época da fundação da Universidade de Lisboa, a realza lucrava com o estudo das leis romanas, e imitava a organização da Universidade de Bolonha; sob Dom João I, a liberdade popular que o acclamava, garantia-se com a fôrma do direito aprendido em Bolonha por João das Regras; Dom João II atacando a fidalguia pendia tambem para a cultura recebida na Italia. As ordens religiosas preferiam Paris, por causa do esplendor dos estudos theologicos; portanto a sua preponderancia na côrte de Dom João III, e as fôrmas da monarchia absoluta imposta por Dom Manoel no fim do seu reinado e pelo fanatico Dom João III, fizeram com que a mocidade procurasse em França a sua educação litteraria, e na reforma da Universidade em 1537, e sua trasladação para Coimbra acabaram certos privilegios como a *eleição dos reitores*, e seguiu-se com a chamada de mestres francezes ou educados em França, a organização e implantação dos costumes da Universidade de Paris.

Nas biographias das principaes individualidades portuguezas resume-se em breves traços, muitas vezes o quadro do ensino em uma época, ou a fôrma como os conhecimentos se adquiriram. Exemplifiquemos: Dom Alvaro Paes, o auctor do livro *De planctu Ecclesiae*, apresenta nos seus estudos, no seculo XIV a situação das duas Universidades que dirigiram a pedagogia europêa: «Elle, posto que portuguez, passou na sua mocidade a *estudar Direito na Universidade de Bolonha*; tomou o habito seraphico e professou em Assis, e ainda que voltando a Lisboa, residiu algum tempo no seu convento da mesma cidade, ainda voltou a frequentar *as aulas de Theologia em Paris.*» ²

O filho do chronista Ruy de Pina, o celebre Fernão de Pina que fez a reforma dos Foraes, por meio da qual se extinguiu a autonomia local dos concelhos, substituindo-se ás garantias populares a vontade do rei na *Ordenação Manoelina*, completou a sua educação fóra de Portugal, no fim do seculo XV. João Pedro Ribeiro falla da sua cultura humanista: «Instruido fóra do reino nas linguas latina e grega, tendo mesmo no reinado de Dom João II viajado a Inglaterra como secretario de uma embaixada, não lhe podiam ser extranhas as obras de Plutarcho, nem mesmo as Epistolas de Cice-ro, já vulgares pelo prelo.» ³ O poder pessoal, que o rei Dom Ma-

¹ *Hist. Univer.*, XI Epoca, cap. 24.

² J. Pedro Ribeiro. *Refl. hist.*

³ *Ibid.*, t. I, pag. 50.

noel alarga em todo o seu reinado, abrange tambem esse poder es-
piritual da Universidade, para a qual elle legisla reformando-a como
protector. Muitas das disposições da reforma de 1504 não foram
cumpridas pela Universidade, como se infere de um alvará de Dom
João III, mas essa instituição pedagogica da Edade media acabou
por annullar-se diante da monarchia absoluta, como as garantias
foraleiras se extinguiram com a Ordenação ou codigo real. Desde
que a Universidade perdeu de todo o seu character de corporação
livre, deixava de acompanhar o movimento scientifico da Europa,
que se operou pelo esforço das capacidades individuaes isoladas. A
Universidade foi melhor dotada, teve mais opulencia, mas achou-se
sem destino na época da Renascença. Tambem com a extincção das
garantias foraleiras, a nacionalidade portugueza achou-se sem vi-
gor; Sá de Miranda queixava-se de que tudo concorria a Lisboa,
receiando que o barco mettesse a prôa ao fundo. Extincta a vida lo-
cal acabou todo o elemento de resistencia que fizera das antigas
behetrias ou cidades livres a nação portugueza nunca incorporada
até ao ultimo quartel do seculo XVI na unidade castelhana. A re-
forma da Universidade por Dom Manoel só pôde ser bem apreciada
buscando o pensamento que a determinou nos factos politicos que
tornaram o poder monarchico absoluto ou independente. No pream-
bulo faz o rei a concessão de novo edificio para as eschololas, au-
gmento de ordenados aos lentes, e justifica os motivos por que vae
codificar a legislação universitaria em umas Ordenações :

« Fazemos mercê e doação a a dita Universidade d'outras cazas
em lugar que parece mais conveniente, edificadas em fôrma e dis-
posição de Eschollas geraes, e acrescentamos os sallarios aos Len-
tes e Officiaes, e ordenamos que houvesse Cathedra de Vespera de
Theologia, e Cathedra de Philosophia Moral.

« E porque havia muitos Estatutos, Acordos, e Ordenações di-
versas, que segundo a variedade dos tempos agora não são provei-
tosas : Queremos e Ordenamos, que d'aqui em diante a Universida-
de de nosso Estudo de Lisboa seja regida e governada por estas Or-
denações seguintes :

« Primeiramente mandamos que o Reitor da Universidade do
Estudo de Lisboa, Conselheiros, Lentes e todolos Officiaes juntos,
não possam fazer Estatuto sobre o regimento da dita Universidade;
e quando occorrer algum caso em que pareça ser necessario novo
Estatuto, poderão requerer ao Protector, e por sua auctoridade se
fará o Estatuto que fôr necessario. »

Foi este excesso de poder real sobre a Universidade, que fez
com que ella mais tarde podesse ser entregue aos Jesuitas, que fi-
zeram d'ella o ponto de apoio para reagirem contra o espirito scien-
tifico da Renascença. O exame da reforma manoelina descobre-nos

factos importantes não só sobre a organização administrativa da Universidade, como sobre a situação dos estudos. Insistiremos sobre esta parte em especial, e no que respeita aos costumes escolares. Desde que os Estatutos eram uma ordenação real, tornava-se necessario dal-os a conhecer aos estudantes: « Mandamos que o reitor mande a todos os Estudantes sob pena *prestiti juramenti*, que em cada hum anno vão ouvir os Estatutos e Ordenações da dita Universidade, os quaes o Bedel e o Escrivão do dito Estudo lerá alta e intelligivel vox no Geral das ditas Eschollas huma vez cada anno, o terceiro dia das Outavas do Natal, depois de comer; e o mandado do Reitor será publicado pelo Bedel á Vespera de Natal. »

Os cargos da Universidade, Reitor, seis Conselheiros, dez Deputados, Conservador, Sindico, Bedel, Escrivões, Taixadores, Sacador do Recebedor, Enqueredor, Guarda das Eschollas e Sollicitador « todos estes officiaes serão eleitos pela Universidade, e confirmados pelo Protector; tirando o officio de Chancellor, que Queremos que o tenha sempre o que for Lente de Prima de Leys. » Vê-se que por esta reforma o Chancellor, que representára o poder pontifical nas Universidades, adquiria agora um character regalista, independente de eleição, e privativo de um Lente de Prima em Leys. Mais tarde, na regressão clerical do reinado de Dom João III o cargo de Cancellario torna-se outra vez autonomico com o de Reitor, e um privilegio exclusivo dos Priores de Santa Cruz de Coimbra.

Vejamos qual o quadro dos estudos por esta reforma de 1504: « Ordenamos que na dita Universidade haja sempre Cadeira de Prima de *Theologia*, e outra de Vespera, e tres Cadeiras de *Canones*, a saber: De Prima, Terça e Vespera. E de *Philosophia Natural* huma, e outra de *Philosophia moral*. Tres Cadeiras de *Leys*: Prima, Terça e Vespera. De *Medicina* duas: de Prima e de Vespera. Huma Cadeira de *Logica* e outra de *Grammatica*. »

Os titulos das cadeiras eram derivados da divisão liturgica das horas canonicas; começava o trabalho escolar por uma missa ao romper do sol, e em seguida começavam as lições dos lentes de Prima: « em sabindo o Sol comesse a Missa, e em fim d'ella começarão os Lentes de Prima a ler. . . » Ainda hoje se chama Lente de Prima ao decano da faculdade.

Um dos estímulos da reforma da Universidade por Dom Manoel foi o augmento dos salarios dos lentes: « Ordenamos que a Cadeira de Prima de *Theologia* haja em cada anno doze marcos de prata, segundo se contém no Testamento do Infante Dom Henrique, pelos quaes lhe mandamos dar *trinta mil reis*; e á Cadeira de Vespera *vinte mil reis*; e ás Cadeiras de Prima de *Canones* e *Leys*, *trinta mil reis* cada huma, e ás de Vespera de *Canones* e *Leys*,

vinte mil reis cada huma; e ás Cadeiras de Terça de Canones e Leys, dez mil reis cada huma; e á Cadeira de Prima de Medicina, vinte mil reis; e á Cadeira de Vespera, quinze mil reis; e á Cadeira de Philosophia Natural, vinte mil; e á Cadeira de Metaphysica vinte e trez mil reis; e á Cadeira de Logica dez mil; e á Cadeira de Grammatica dez mil.»

É immensamente curiosa a persistencia da tradição pedagogica conservada na Universidade ainda hoje; na reforma de Dom Manoel encontram-se já estatuidas certas particularidades, que se observam automaticamente: «que os Lentes de Prima leam cada dia que for de lêr quase *hora e meia*, e os outros lentes huma hora; e em fim de sua lição, decendo da Cadeira estarão hum pouco de tempo para responder a as duvidas e perguntas dos *Eschollares*. . . » É a tradição da quinta-feira: «quando na semana não houver festa de guarda, *deixarão de lêr á quinta-feira como sempre se costuma.*» As insignias doutoraes conservam ainda o mesmo symbolismo: «os theologos borla *branca*, e os canonistas *verde*, e os legistas *vermelha*, e os medicos *amarella*, e os artistas *azuloi*. . . » A transformação d'esta classe na faculdade de Philosophia fez com que esta cõr se conservasse como peculiar da nova disciplina. As precedencias das faculdades são ainda as mesmas determinadas por Dom Manoel: «os mestres e doutores terão esta ordem antre si: primeiro os mestres em theologia; segundo os doutores canonistas; terceiro os doutores legistas; quarto os doutores medicos; em fim os mestres em artes. E os Regentes precederão aos nom Regentes em sua faculdade e guardarão em cada sciencia as antiguidades dos seus grãos.»

O quadro das disciplinas escolares era constituido por grãos de Bacharel, Licenciado e Doutor, aos quaes correspondiam varias frequencias e exames: «que os *eschollares* que ouverem de receber grão de bacharel em artes cursem ao menos trez cursos a saber: hum curso ouvindo texto de *logica* e dous de *philosophia natural*, os quaes trez cursos se fará em trez annos ouvindo por a maior parte de cada hum anno, e provando os cursos per testemunhas juradas perante o scrivão do studo e o Rector ou mestre que ho hade graduar. E se ho mestre de quem ouvir jurar que he sufficiente poderaa receber grão de bacharel em artes posto que nom tenha acabados os cursos lendo primeiro trez liçoens disputadas, apontadas de hum dia pera ho outro. Ho que ouver de receber grão de bacharel em theologia fará cinco cursos do *mestre das sentenças* ouvindo per a maior parte de cada hum anno, aos quaes cinco annos se ouver cadeira de *brivia* fará dous cursos, e nom poderá receber grão em theologia sem primeiro ser bacharel em artes. E ho canonista ouvirá outros cinco, e se ouver cadeira de

decreto ouvirá dous cursos n'estes cinco annos. E ho que houver de ser bacharel em medicina ouvirá outros cinco annos em medicina, como dito he, e antes que tome grão em medicina será bacharel em artes.» Ainda hoje os cursos das faculdades constam de cinco annos, e o bacharelato em artes perdeu o titulo honorifico ficando reduzido aos preparatorios elementares para as disciplinas superiores.

O grão de bacharel era conferido com variadas ceremonias symbolicas, das quaes subsiste apenas o receber a borla na cabeça. Na reforma de Dom Manoel, o bacharelado pagava para a *arca do studo* uma dobra de ouro de banda, e outra para o escrivão (secretario) e bedel: « e hum barrete com hum par de luvas ao padrinho que lhe hade dar o grão, e luvas ao Rector e lentes que presentes forem ao auto; e será obrigado o Rector com a universidade e ho bedel diante com sua maça hir pello graduando a a sua pousada se for no bairro, e ho trarão a as schollas honradamente onde logo em principio do auto fará hũa arengua e depois lerá hũa lição e acabada a lição e disputa se fôr em *artes*, *medicina* ou *theologia* pedirá o grão arengando, e despois d'isto se darão as luvas aos sobreditos e fará juramento em as mãos do scrivão e bedel... e assi avemos por bem que qualquer que se graduar arme ho geral de pannos finos por honra do auto.»

Os que faziam curso de licenciatura eram argumentados pelo lente mais antigo da faculdade, em theses publicadas dois dias antes. O ceremonial do acto de licenciatura merece tornar-se conhecido: « quando algum se ouver de fazer licenciado, depois de ser feita a repetição e asinado ho dia do exame, loguo polla manhã iraa o bacharel com seus amigos e ho padrinho e ho scrivão aa see e ouvirão missa do spirito santo, e acabada a missa assentar-se-ha o Cancellario e ho padrinho, e o Cancellario verá ho livro se estão postos alguns sinaes e ho padrinho o tomaraa e abrireaa em trez partes, e em uma d'ellas escolherá o bacharel a lição que hade ler, e ho scrivão assentará em seu livro titulo e lei que o bacharel hade ler, e este escrito enviaraa ho scrivão aos mestres ou doutores que hão d'arguir, e então se hiraa o bacharel pera sua casa e estudaraa esse dia e outro seguinte até tarde, e nestes dois dias enviaraa a cada mestre ou doutor huma canada de vinho branco, e outra de vermelho bom e huma gallinha, e ao Rector e ao scrivão e bedel, e levarão esto dobrado ho cancelario e padrinho. Os pontos dos artistas serão estes, a saber: hũa lição no texto de *logica*, e outra no texto de *philosophia natural*. E ao medico assinarão huma lição no *avicena* e outra na *arte*. Ao legista huma lição de *codiguo* e outra de *digesto velho*. E ao canonista hũa lição nas *decretaes* e outra no *decreto*; ho theologuo leraa duas lições

em dous livros das *sentenças*. No dia seguinte despois dos pontos aa tarde, irão os mestres ou doutores da faculdade e assi toda a universidade a casa do bacharel, e o bedel com sua maça, e os mestres ou doutores em seu habito irã todos ordenadamente pera a see e ante elles hirão moços com tantas tochas quantas são necessarias, a saber: duas pera o cancellario, duas pera o padrinho, e ho Rector e mestres ou doutores da faculdade senhas tochas e ao bedel outra e a cada hum destes huma caixa de confeitos. E faram de tal maneira que entrem em exame pouquo antes de sol posto, e entrarão em lugar pera isso aparelhado onde ficarão só os mestres ou doutores da faculdade, Cancellario, Rector e scrivão, e terão suas mezas aparelhadas pera isso com livros e castiças com suas vellas, e começará a ler o bacharel suas liçoens as quaes nom consentirão que passem de duas horas, a saber, hũa hora em cada lição, porque tenham lugar pera arguir. E acabadas as liçoens ho bacharel sairaa fora da casa do exame aparelhando-se aos argumentos. E então trarão consoada honrada e honesta pera o Cancellario e os outros na qual se deterão pouquo, e logo será chamado o bacharel ho qual se assentaraa a par do padrinho, e começará a arguir o mais novo doutor ou mestre e assi per ordem; e acabado de arguir ho bacharel se iraa pera sua casa honradamente com seus amigos, e então os mestres ou doutores comunicarão os merecimentos do bacharel...» Segue-se a cerimonia da votação como se usa ainda hoje no exame privado da Universidade, sendo o licenciado obrigado a dar « ao scrivão e bedel hũa loba de pano fino de seis covados ou dous mil reis pera ella, ho qual ficará em elleição do graduado. » O grão era conferido na sé pelo cancellario « poendo-lhe o barrete na cabeça, estando o licenciado em giolhos...»

As ceremonias symbolicas do Doutoramento são pittorescamente dramaticas, e merecem ser conhecidas para que se avalie a estabilidade da nossa tradição universitaria: « ho dia do magisterio ou doutoramento pella manhã hirão os doutores ou mestres e os da universidade que ho quizerem honrar a cauza do que hade receber o grão, o qual hirá vestido de hũa roupa roçagante cõ seu capello vestido e sem barrete na cabeça, e se for frade em seu habito, e leval-o-ha honradamente aa see onde ouvirão missa do spirito santo, em fim da qual subirão os mestres ou doutores e assentar-se-hã em seus luguares ordenadamente cada hũ em seu habito, ho cancellario estaraa assentado em meo, e o Rector aa mão direita e todollos outros de hũa banda e outra per ordem, e ho que hade receber o grão ficaraa em baixo assentado em hũa cadeira e diante hũa mesa com seu banqual, e estarão com elle dous bachareis ou licenceados e leraa huma breve lição, e arguirá primeiro contra el-

le o Rector brevemente e depois alguns mestres ou doutores de sua faculdade e acabado esto daraa luvas a todollos os bachareis e aos lecenceados, e doutores barretes e luvas, e aos fidalguos luvas, e assi aos officiaes de studo e ao Cancellario e padrinho barretes e luvas dobrado; e acabado esto hum homem honrado louvaraa então letras e costumes do graduando e em linguagem per palavras honestas diraa alguns defectos graciosos pera folguar que nom sejam muito de sentir, e n'isto o scrivão lhe dará juramento em forma antes que suba a receber o grão; e acabado esto louvarão o doutorando diante do padrinho e estando em pee no terceiro degrão em baixo do padrinho pediraa o grão per sua breve arengua e o padrinho louvando as letras do graduando lhe daraa ho grão com suas insignias estando em gíolhos ante elle a saber barrete com sua borla e anel e beijo na face, o que assi acabado hirsehão a comer e comerão com elles todollos doutores e mestres e toda a universidade e ho mestre em artes convidaraa sómente a jantar os doutores e mestres da universidade e os officiaes, e alem dos sobreditos guastos ho que ouver de receber grão de doutor ou mestre daraa pera a arqua de studo cinco dobras douro de banda e ao scrivão e bedel trez mil reis conformando-nos com o statuto antigo que lhe dava veste forrada.» As offertas das luvas transformaram-se em um embrulhinho com 1\$600 reis, dados a cada um dos doutores que assitia ao doutoramento; ainda no nosso tempo existia a pítançã ou almoço do exame privado, os pratos de doce de fructa offerecidos aos arguentes, e o jantar que se tornou facultativo. O costume de increpar o doutorando «em linguagem per palavras honestas de alguns defectos pera folguar, que nom seja muito de sentir» era ao que nas Universidades hespanholas se chamava o *Vejamen*. No seu estudo sobre Alarcon, escreve Guerra y Orbe ácerca d'este costume, imitado na Universidade do Mexico: «Los *Vejamens* habianse introducido en España á imitacion del gimnasio de Paris, sustituyendo ó parodiando con picantes burlas y sazonados dictos los enfadosos panegyricos. Dabanse raras veces por un doctor; muchas por un licenciado; en no pocas se lucia con esa libertad un estudiante. Su objecto fué amansar la vangloria del triunfo academico, y solemnizar más alegremente la fiesta. Lhamase *Vejamen* el de los medicos e juristas, y se escribia en lengua castellana; pero deciam *gallo*, *actus gallicus* (acto francés) como alusion de su origen, al de los teologos pronunciado commumente en latin.»¹ Na litteratura portugueza existe uma peça que serviu de *Vejamen* no fim do seculo xvi, escripta pelo licenciado Fernão

¹ *Don Juan Ruiz de Alarcon*, pag. 132. Madrid, 1871.

Rodrigues Lobo Soropita, com o titulo *Satyra, na data de umas cadeiras a um fulano de Figueiredo que era torto de um olho; e a um fulano Corrêa, judeu:*

Ah que del-rei, que morreu
O nosso Pero dos Reis!
Porque vem a ensinar leis
Um tortoles com um judeu!
Acuda-me o povo meu,
Que é necessario gram peito
Para vér que sem respeito
Andam jogando as pancadas
Um judeu com leis sagradas,
Um torto com o direito.

Vede que boas lições
Estes dois vos podem dar!
Um pôde cabras guardar,
Outro, por cabras, cabrões.
Quem lhe tirára as calções
P'ra sacudir-lhe o cotão!
Pois nunca vos servirão
Nem de pouco nem de muito,
Uma figueira sem fruto,
Uma Correia de cão.

O judeu e o zarólho
Ambos se deram de pé;
Porque um manqueja da fé,
Outro manqueja de um olho.
Quem os puzera n'um mólho,
Como o bom Sylva deseja,
Para que n'elles se veja
Cumprida a letra perfeita:
Tarde o torto se endireita,
Guardar do cão que manqueja.

Certo é para sentir,
Meus senhores estudantes,
Ver lentes a dois bragantes
Que muito são para rir!
Que não se sabem vestir
E vem n'esta occasião
Por alta ordenação
A lér nas nossas Geraes
Dois cerrados animaes,
Um por burro, outro por cão.¹

¹ *Poesias e Prosas*, pag. 95 a 99.

Transcrevêmos apenas estas estrophes para se conhecer a indole do *Vejamen*, que com o tempo decahiú na troça dos *grãos aos calouros*. Pela reforma de Dom Manoel vê-se que nem todos os lentes eram graduados em doutores, e beneficiava-os nas despezas caso se doutorassem. «E así mandamos que os lentes de prima se façam doutores ou mestres dentro de hñ anno, do tempo que ouverem a cathedra, e os que agora sam de prima se façam dentro em hum anno.»

Na occasião da reforma de Dom Manoel em 1504, ficou reitor da Universidade o bispo de Fez D. Francisco Fernandes, que fôra mestre do rei e tinha a dignidade ecclesiastica de Mestre Eschola. A tendencia theologica da Universidade de Lisboa, fez com que o rei tratasse de imitar a Universidade de Paris. Em 1516 por carta de 11 de janeiro, participa Dom Manoel á Universidade que váe mandar vir de França o Dr. Diogo de Gouvêa para ser oppositor á cadeira de Vespera de Theologia. Este doutor, theologo pela Universidade de Paris, era sobrinho do celebre Diogo de Gouvêa, principal do Collegio de Santa Barbara, em Paris, d'essa esplendida dynastia de pedagogos que tanto influíram na Renascença em França. Em 1517 o Mestre João Francez é nomeado lente de Vespera e doutora-se em Sam Vicente em 1521. Na reforma de D. Manoel pertenciam á classe dos doutores e mestres feitos por rescripto. A Universidade apresentou na época de Dom Manoel doutores como Garcia d'Orta e D. Francisco de Mello, mas a reacção religiosa apoderou-se d'ella, immobilizou-a nas fórmulas symbolicas da tradição escholar, e por isso ficou alheia ao grande movimento intellectual da Renascença.

Sahidas das revoluções politicas da Edade média, as Universidades chegaram a constituir-se como esboços de um Poder *temporal* e *espiritual*, pela maneira como intervinham nas questões da igreja com a realza, e como resistiam aos arbitrios da soberania; e principalmente ainda pelas garantias extraordinarias com que se acobertava a classe escholastica nas suas relações com a vida civil. Na Universidade de Paris tomava-se o juramento ao Preboste da cidade e á sua guarda ao entrarem em funcções; os burguezes não podiam exigir fladores aos estudantes pelos alugueres das casas, e na sua resistencia contra a auctoridade real, a Universidade suspendia as lições, vencendo sempre pelo effeito poderoso d'este interdicto. Porém esta fôrma nova do Poder temporal e espiritual, apesar de importante, tinha o defeito da *confusão dos poderes*, contra a qual luctava ainda a Edade média; por isso com o desenvolvimento da monarchia absoluta, a Universidade perdeu o seu individualismo, e ficou reduzida a uma instituição paga pelo rei, por elle protegida e discricionariamente reformada. Diz Cantu: «Quando,

depois de Luiz XI, os reis se tornaram absolutos, trataram logo de diminuir pouco a pouco o *poder temporal* que a Universidade adquirira pela auctoridade da sciencia. Ella mesma deixou de caminhar na vanguarda do progresso intellectual; os conhecimentos desenvolveram-se fóra das escholas; a Imprensa propagou-os e esta corporação illustre acabou por tornar-se impopular.»¹ Subordinadas ao poder real as Universidades procuraram o respeito não no fervor scientifico mas no perstigio official; a sciencia immobilisou-se, agarrada á auctoridade dos antigos escriptores, e esse circulo de doutrinas atrazadas sustentado pela dialectica, que encobria com arte o pedantismo doutoral, veio a chamar-se *Scholastica*. Enquanto as Universidades se fechavam n'este reducto da auctoridade doutrinaria, pensadores isolados e fóra da corporação, foram-se reunindo, communicando as suas observações, e assim nasceu esse movimento scientifico experimental que caracteriza o seculo XVI. Deu-se n'este phenomeno o mesmo processo, que nos seculos XI e XII determinara a organização das Universidades; em roda de certas capacidades agrupavam-se espontaneamente os alumnos, e por esta fórma Constantino o Africano iniciou a fundação da Eschola de Salerno, e Irnerio a Eschola de Bolonha. Fóra das Universidades, pensadores mais audazes começam as suas investigações sobre os phenomenos cosmicos e phisicos, reagem contra o vazio das argumentações dialecticas, e espontaneamente fundam essas gloriosas Academias, que determinaram o movimento scientifico do seculo XVII, de Bacon a Descartes, d'onde dimana todo o progresso intellectual moderno. É no seculo XVI que a realza define o seu caracter absoluto; as Universidades tornando-se tambem absolutas no seu dogmatismo e exclusivismo pedagogico, immobilisaram-se, findaram o seu destino, ficando fóra da historia. Como corporação vão atravessando outras epocas, fortalecidas pelas dotações do erario, pelas categorias dos empregos, pela pompa das ceremonias doutoraes, mas o seu poder *espiritual* transformou-se em uma *pedantocracia*, de que novas fórmas politicas vieram um dia a aproveitar-se.

THEOPHILO BRAGA.

¹ *Hist. Univers.*, XI Epoca, cap. 24.

A CONCEPÇÃO DE DEUS

O propagandista Cotter Morisson, occupando-se d'esta these em Londres, disse que a concepção de Deus ou dos deuses é uma das mais importantes que a historia propoz a nossas meditações.

É d'aquellas, meus senhores, que pela grandeza, duração e intensidade, acobertam como sob uma abobada immensa, a vida, o pensamento e a acção de porções de nossa especie.

Estudando, pois, esta grande idéa sob o ponto de vista historico não tratamos de uma questão « abstracta e estranha aos interesses humanos, ao contrario, occupamo-nos de um assumpto interessantissimo a que se prendem muitos problemas relativos á felicidade individual ou collectiva. »

A sciencia moderna, como sabeis, repelle a idéa de Deus como uma hypothese ficticia e inverificavel, uma hypothese que não deve mais prender a attenção dos homens sérios e que quando muito tem um valor puramente historico.

De accordo com a nossa intenção philosophica assim tambem pensamos e de accordo com o programma que traçamos procuraremos :

- 1.º Justificar as concepções theologicas no passado.
- 2.º Justificar os motivos por que as rejeitamos hoje.

¹ Setima lição (medita) de um Curso de Philosophia, publico e gratuito, aberto, em 1884, na Faculdade de Direito de S. Paulo, no Brazil.

Aos representantes das velhas crenças diremos com um notavel e criterioso positivista inglez: «Apreciamos a belleza de vósso systema, confessamos que a fé que elevava Dante ás sublimes alturas de seu «cantico mystico e insondavel,» que inspirava as orações dos soldados de Cromwell e de Gustavo, que illuminava a cegueira de Milton, fazendo-lhe dizer que vivia sempre «como se estivesse sob a vista do seu poderoso mestre,» que esta fé foi em seu tempo e lugar, cheia de nobreza e grandeza, fortificando a vontade, alentando os corações e descobrindo ao espirito vastos horizontes.»

Por outro lado, porém, diremos:

A fé catholica está morta. Não ha mais confiança no dogma christão; o sobrenatural foi banido do dominio scientifico, as conquistas physiologicas acabaram com o velho preconceito da espiritalidade; a astronomia com Laplace devassou os espaços celestes e nos espaços celestes não se encontrou um reino para o vosso Deus!

A voz authorisada de Du Prell veio dizer-nos que os factos naturaes e seu encadeamento logico são os unicos auxiliares do espirito.

Estamos na éra do *realismo*, a razão medita não sobre principios theologicos, mas sobre dados fornecidos pela experiencia. As sciencias formam-se, classificam-se e ordenam factos, dos factos induzem-se leis. É da comparação d'essas séries de factos, é da comparação d'essas leis particulares que engendra-se a verdadeira philosophia. A verdadeira philosophia sahiu do estudo comparativo das sciencias, só se pôde philosophar com proveito sobre materias que se conhecem, philosophar sobre o que não é e nunca será conhecido é uma esterilidade intellectual que só pôde levar a uma ontologia chimerica. Deus é um mytho, não tem realidade, não é objecto de sciencia...

Desenvolvamos, senhores, a primeira these; justifiquemos as concepções theologicas no passado.

I

O homem começou na infancia, por uma tendencia que lhe era propria, a considerar tudo o que lhe acontecia favoravel ou desfavoravel, todos os efeitos das forças naturaes independentes de sua vontade, como obra de um sér que lhe era analogo, sempre occulto a seus sentidos.

Esse sér tinha sentimentos affectuosos ou hostis, amor, odio e

cóleras. O conjuncto d'essas concepções em uma certa época e em um certo povo, diz-nos Du Boys-Reymond, é o que chamamos a religião d'esse povo ou d'essa época. Segundo David Strauss, a tendência do homem para personificar as forças da natureza provém de que a natureza abre-lhe a possibilidade de poder conciliar-se com poderes desconhecidos e terríveis.

Talvez possa-se achar n'esta tendencia, accrescenta o sabio secretario da Academia de sciencias de Berlim, um fundamento, um motivo, uma explicação mais profundas.

A principio o homem não conhece outra causa dos phenomenos além da propria vontade de que possui sentimento immediato : por isso refere todos os phenomenos a manifestações de vontades semelhantes á sua.

Esta hypothese parece legitima. Hoje ainda existem personificações analogas posto que sob uma fórma menos grosseira. Thomaz Buckle, na sua *Historia da Civilisação*, faz derivar todas as religiões dos aspectos da natureza, segundo as regiões em que apparecem. Mostra-nos as Indias limitadas ao norte pela cadeia do Himalaya, onde o monte Everest tem uma altura dupla á do monte Branco, onde o desfiladeiro do Kwen-Lun, que conduz ao Tibet, tem quasi que o nivel do Caucaso, e no qual um valle de segunda ordem pôde ser preenchido pelo Jungfrau. Mostra-nos ao sul a península indiana com suas costas sem porto, avançando para um mar aberto até os pólos e muitas vezes revolucionado pelos cyclones. D'estas montanhas até esses mares, rios, nos quaes não se pôde lançar pontes, correm planicies através de espessas mattas, onde os animaes ferozes e as serpentes venenosas ameaçam a cada instante a vida do viajante. As más colheitas, as fomes, as inundações succedem-se em Bengala com uma lugubre regularidade. O cholera, que agora percorre a Europa, tem seu berço no delta do Ganges. N'esta peste indiana do Radjahstan, que se caracteriza pela gangrena dos pulmões, Hirsch reconheceu a peste negra da idade média, a peste florentina de que falla Boccacio e que andou por todo o mundo.

O homem, pergunta Buckle, não deve sentir-se fraco e impotente diante de uma natureza tal que apresenta-lhe a morte sob tantas fórmas diversas ? Não chega a concepções racionadas ; mas dominado pelo terror imagina séres malevolos e omnipotentes a quem attribue esses phenomenos destruidores. Divinisa os objectos de terror, levanta-lhes altares e offerece-lhe sacrificios. Com Max Müller e Bournouff, por exemplo, vêmos que na mythologia indiana tudo tem um caracter de grandeza excessiva. Os homens vivem centenas de annos ; os periodos do mundo exprimem-se por algarismos seguidos de setenta zeros ! O deus Shiva, que com Brahma e Vischnou compõe a trindade indu, é um monstro com tres olhos,

com um collar de ossos humanos e uma cinta de serpentes. Tem na mão um cráneo; está vestido com uma pelle de tigre. A cobra, cuja mordedura é mortal, enrola-se-lhe no hombro esquerdo. Sua mulher Dourga é representada com um rosto azul, mãos ensanguentadas, dentes ameaçadores, quatro braços, um cráneo de gigante na mão, um collar de cabeças humanas e uma cinta de mãos decepadas. Todas as divindades indus tem assim alguma cousa de inhumano, de monstruoso, um excesso de membros, um colorido phantastico! Isto tudo é o resultado da grandeza acabrunhadora das paizagens que os cercava.

Buckle acredita vêr na America central a prova de que os phenomenos ameaçadores da natureza tropical tem exercido a mesma influencia nas concepções religiosas.

O viajante Kennan explica a religião dos habitantes dos steppes siberios pela tristeza da natureza que os rodeia.

Isolado na Toundra com seu rebanho, percebendo ao clarão das auroras boreaes os lobos que uivam em torno, o Koriaco vela durante as sombrias noites do pólo, julga-se rodeado de espiritos inimigos, conjura-lhes o odio por sortilegios e sacrificios de cães.

Todo o mundo vê quanto a lugubre sublimidade do Edda harmonisa-se com a natureza irlandeza, onde as forças vulcanicas disputam o imperio aos gélos.

Em contraposição Buckle lembra as proporções encantadoras da paizagem grega e procura d'ahi fazer derivar o character humanamente bello da mythologia hellenica. Diante de tal paizagem o homem não se sentia opprimido. Na Grecia podia nascer esta poesia que ainda hoje admiramos, porque teve por ponto de partida não a personificação das forças devastadoras da natureza, mas a glorificação de tudo o que é puramente humano.

Buckle e Lecky chegam mesmo a fazer derivar o monotheismo dos semitas de sua morada nos desertos, onde a natureza pobre em fórmas e em côres, reveste-se de uma grandiosa uniformidade.

Assim se explicam, senhores, o feticchismo e o polytheismo, o polytheismo é já uma conquista do espirito humano, o monotheismo, — ultima phase do estado theologico o será tambem.

Como vêdes não ha nada de arbitrario em tudo isto; a intelligencia humana obedeceu a uma lei; tudo naturalmente se explica.

No polytheismo, diz-nos um philosopho moderno, sob os differentes arranjos que o mundo apresentava percebia-se mais ou menos uma ordem universal.

As poeticas festas de deuses e deusas innumeradas, finalmente repugnavam aos espiritos sérios.

Muito antes da éra christã, pensadores distinctos da Grecia haviam-se elevado á idéa de unidade na direcção das cousas e na

concepção de um destino irresistível dominando todos os deuses, concentrou-se gradualmente os attributos esparsos da divindade que até então se haviam dividido!

Não resta duvida que os esforços para a adopção d'uma fé monotheica eram prematuros e mereciam a condemnação severa que A. Comte infligiu-lhes. Conduziam a um deismo esteril e intellectual e nunca deixariam o homem franquear o grande intervallo que o separava da sciencia positiva.

A fé monotheica, tal como foi finalmente incorporada no credo da igreja catholica tinha tres fontes distinctas: uma intellectual que provinha da Grecia, uma social e cosmopolita, provindo de Roma, e a supposta revelação divina da Judéa. A nobre intelligencia e o coração mais nobre ainda de S. Paulo, diz um professor da *school positivist* de Londres, trouxeram um quarto elemento, attribuindo a uma inspiração directa do céo os sentimentos altruistas!

Tal é o sentido da distincção, diz Augusto Comte, entre a Natureza e a Graça — pedra angular do christianismo.

Emquanto que a grande civilização greco-romana (explica-nos a orthodoxia positivista) expirava no fogo e no sangue e que a pequena igreja christã debatia-se na terrivel confusão das invasões barbaras, firmavam-se solidamente as bases do grande poder espiritual da idade média.

N'este naufragio das nações, os sacerdotes e bispos christãos possuíam sós a calma e a capacidade necessarias para dirigir a crise por mais terrivel que fosse.

Só elles, entre os antigos cidadãos romanos, não tremiam diante dos barbaros.

Assim pela primeira vez na Historia, preparava-se dignamente o duplo governo do homem, sendo a acção e especulação separadas e confiadas a uma direcção conveniente.

O monotheismo christão, como terceira e ultima fôrma da crença ficticia, como pensa o fundador do Positivismo, tinha uma função muito distincta e importante a preencher.

No fetichismo, diz Cotter Morisson, reproduzindo a doutrina do Mestre, haviam appellado para o sentimento, o que, como sabemos, não desenvolvia a especulação e a acção.

O polytheismo, grego ou romano, desenvolvia ao contrario, no gráo mais elevado, essas duas faculdades.

O terceiro e o mais importante elemento da natureza humana exigia agora um desenvolvimento analogo e uma cultura igualmente perseverante.

Ora a cultura das emoções e mais nobres affecções era o alpha e o omega da theologia catholica; a acção e a especulação eram apenas servidores n'este grande trabalho. Deve-se accrescentar que

eram mesmo escravos, por causa da base pouco verdadeira e pouco sustentavel do systema inteiro.

Esta desvantagem, conclue o eminente propagandista inglez de que nos temos servido n'esta parte, não se fez sentir nos grandes primeiros dias da egreja, em que julgava-se e apreciava-se os homens não pela intelligencia e grande capacidade pratica, mas pelo valor moral.

A santidade conferia a maior distincção a que um homem pôde attingir n'esta época; collocava-o acima dos reis e imperadores, cercava-o de uma gloria, confundia os mais audazes e os máos. Prêgava-se sériamente pela primeira vez a pureza e a humildade.

É desnecessario, senhores, desenvolver-vos os preceitos philosophicos do christianismo, elles são por demais conhecidos, o que quero que bem comprehendaes é o alcance d'essas doutrinas e a sua justificativa historica.

Como vistes o homem inventou deuses e Deus para que o mundo fosse dominado, essas concepções são o resultado de sua intelligencia progressiva.

O papel da theologia no mundo teve uma alta significação. Mas o estado theologico passou.

Na unidade do monotheismo, diz Ricardo Congreve, está toda a sua força e fraqueza.

O espirito ingenuo despido de toda a critica, acceita a idéa de Deus sem resistencia; o espirito cultivado repelle-a em virtude das contradicções que lhe são inherentes.

Abraçar a concepção do Universo em seu conjuncto e fazel-a em seguida depender de um Deus Todo Poderoso é um progresso simples na apparencia e mui summario; mas as difficuldades logo ressaltam.

Justificaremos no proximo numero a nossa intenção philosophica.

São Paulo.

ARGYMIRO GALVÃO.

ROMA E A ITALIA

(Fragmentos da **Historia da republica romana**, vol. xvii e xviii da *Bibliotheca das sciencias sociaes*, no prelo)

No centro do Mediterraneo, a distancia igual das costas da Asia-Menor e das Columnas-de-Hercules, está a Sicilia, a que os gregos chamavam Trinacria, da sua fórma triangular inscripta entre o promontorio do Peloron (c. di Faro) que a prende quasi á extremidade da península italiana, o de Pachynon (c. Passero) na costa oriental, e o Lilybeu (c. Boeo) voltado para a península carthagineza em Africa.

A Sicilia, transição do mundo africano para o europeu, era durante as primeiras epochas romanas o theatro das famosas colonias gregas — Agrigento com mais de duzentos mil habitantes, Selinonte, Syracuse que arma cem mil soldados, e um sem-numero de cidades magnificas, livres e federadas, bordando as costas insulares feracissimas. A ilha é o estrado montuoso d'um gigante, o Etna, que levanta da sua base de duzentos e cincoenta kilometros quadrados a uma altura de tres mil metros, o pennacho de fumo negro d'uma d'essas chaminés das fornalhas da terra, ás vezes illumina-do pelos clarões rubros de linguas de fogo.

Pelo cabo Peloron, atravez d'um estreito brevissimo, passa-se para a península itálica, para o Brucio antigo; mas ao entrar na Italia peninsular austral dir-se-hia que não se mudou de terra, nem de nação. O solo é o mesmo, os habitantes são tambem gregos — jonios, doricos, élios. É uma região de montanhas agrestes onde a natureza attinge o colossal: um castanheiro cobre cem cavallos e o álces d'Africa sóbe a dezoito ou vinte metros, coroado pelas

suas plumas vermelhas que rutilam no céu como além fulgem as chammas na cratera do vulcão. No planalto em que as montanhas acamam ao centro está Consencia (Cosenza), a capital dos brucios indígenas, e as cidades coloniaes gregas estendem-se pelas costas, ancoradas sobre os dois mares — o Thyrreno de oeste, o Jonio de leste. Entre ellas estava Sybaris que armou trezentos mil homens contra Croton (Crotone) e que os crotonenses arrasaram em 244, um anno antes da instituição da republica romana, fundando no seu logar Thurio em 311. Era terrivel a existencia d'essas Tyros ou Babylonias do Occidente, cidades expostas ás commoções igualmente destruidoras dos terramotos e das revoluções. Ahi a demagogia soltava-se em ondas de lava como as dos vulcões, arrastando comsigo em turbilhão as cinzas e o fumo acre das tyrannias devastadoras. Quando os crotonenses arrasaram Sybaris, para que nem sequer o logar da cidade restasse, introduziram n'elle as aguas de duas torrentes... Locri fôra uma colonia éolia, e Rhegio, que dá o nome ao estreito, honrava-se de ser o mais antigo estabelecimento dos jonios de Chalcis na Magna-Grecia.

Subindo, do lado do mar Thyrreno ou *inferior*, fica a Lucania; do do Adriatico ou *superior*, a Messapia (Calabria) e a Apulia, tendo nas encostas littoraes adriaticas as tribus illyrias dos *iapules* hellenizados que recebem a cultura e o *tom* de Tarento assente sobre o seu golfo. Do lado opposto, na contra-costa, está Brundisio que os gregos diziam Brentesion (Brindisi), o porto por onde mais tarde os romanos, effectuada a unificação da Italia, realisarão as suas relações com a Asia e com o Egypto e a Syria. A Lucania tem sobre o mar occidental Pæsto, e sobre o golfo de Tarento Metaponto e Heraklea. As colonias gregas que bordam as costas da Italia austral ainda vão mais acima, sobre o Thyrreno; pela Campania, com Salerno e Neapolis (Napoles) até Cumas, guardando o golfo Cumano que o Vesuvio domina. Todas essas cidades são emporios de um commercio maritimo vivissimo, tôdas armam em guerra poderosas esquadras, todas vivem uma existencia de luxo e de orgia, de anarchia e de guerra, que as está amadurecendo para cahirem sob o novo dominio que agora se levanta na Italia.

Ancoradas todas sobre o mar, apenas na ponta extrema do Brucio dominam dê lado a lado o interior; todo este, a partir da Messapia e da Lucania até ao Tibre, e ambas as costas a partir de Brundisio e de Cumas até Ancona e Ostia, pertencem aos povos italianos — aos samnitas, aos umbrios, aos sabinos, aos equos, aos latinos, aos volscos e aos campanios. Ao norte do Tibre estão os etruscos; ao norte da Umbria, os gaulezes. E passada a Etruria para além do Arno, em torno do sino Ligustico (g. de Genova) até á foz do Rhodano, moram os liguros.

O Apennino, que nasce na terra d'estes ultimos, desdobrando-se d'esse nucleo de montanhas d'onde tambem, mas em direcção opposta, se destacam os Alpes, fórma a espinha dorsal da península e divide-a em duas regiões — a occidental e a oriental. Na Lucania a cordilheira apennina abre-se em dois ramos: um vae dar a Rhegio, outro constitue a Messapia. Entre os dois está o golfo de Tarento. Os pendores adriaticos são abruptos, e a agua despenha-se em torrentes, não ha portos, o mar sem ilhas é um estreito corredor onde os ventos se degladiam temiveis apertados entre montanhas: em ambas as costas fronteiras, italiana e illyria, o terreno é egualmente atormentado. As inclinações repellem a lavoura: dominam os pastos e as florestas, as torrentes e os rebanhos. É uma região agreste e dura, que se estende desde o Brucio, pela Apulia, até ao Piceno; é ahí que habitam as hordas semi-selvagens dos messapios, dos samnitas e dos umbrios.

O talweg d'esse antigo valle, que o mar invadiu e sobre o qual se levantam apumadas as montanhas, está no fundo do Adriatico. A Italia é filha do Apennino, o Apennino nasceu dos vulcões; todos elles, salvo o Volturo na Apulia, estão a oeste da cordilheira, e dir-se-hia que com os seus hombros ardentes repelliram os montes sobre o Adriatico. Na linha que vae da cratera de Strongyle (Stromboli) ás crateras de Bolsena e Vico ficam os paúes pontinos ainda não emersos totalmente do mar. Roma assentou, como vimos, sobre collinas de tufo vulcanico e sobre os charcos do Tibre. Toda a face occidental da península é o producto de um fermentar constante do solo que pôz as aguas em movimento. A Etruria é a terra dos medos, dos pavores e mysterios, dos agouros e vaticinios: o solo treme, ouvem-se rugidos surdos agitar-lhe as entranhas: é que os monstros bramem estorcendo-se na jaula de pedra em que o tempo os encerrou. Lá para o sul praguejam ainda vomitando fogo, fumo e cinzas — blasphemias terriveis da natureza. As ilhas surgem do mar espumante, os terremotos submergem collinas. Rhegio quer dizer *scisão*: a Sicilia esteve outr'ora unida á Italia.

Esta actividade ignea desenvolvida na face occidental creou os declives brandos em que a terra desce do Apennino sobre o mar Thyrreno. A nudez atormentada dos montes contrasta com a opulencia vegetal dos seus contrafortes. A terra é longa, o clima doce, os rios tranquillos. Ha golfos immensos, portos seguros, um mar pacifico; ha ilhas e campinas, ha lagos e vergeis. Esta é a Italia, paraíso da Europa. O lavrador succede ao pastor, as messes aos rebanhos, o arado ao cajado. Os campos sobem em terraços viçosos assombreados pela oliveira doce e pallida, dando com a sua folhagem minuscula um tom aereo, um tom *grego* á paizagem; a vinha enleada nos ulmeiros e nos choupos, o castanheiro, o carvalho e

o pinheiro-manso com a sua copa arredondada desenhando-se no azul ferrete do céu, dão-lhe o tom grave e nitido do genio italiano... Já se calou por ahí, na Etruria e no Lacio, o troar antigo dos vulcões; já do consorcio do fogo e das aguas nasceram as terras ferteis. Porém do sul, n'uma linha quasi recta, vêm os clarões do Etna, os rugidos do Strongyle, lembrar o passado á espiral de fumo que se levanta do Vesúvio, innocente, manso ha seculos, e em cujo dorso os gregos de Napoles e de Cumas plantam jardins e vinhas entremeiados de áloes e palmeiras.

Passando o Arno, confins setentrionaes da Etruria que para o sul desce até ao Tibre — erguendo Veios em frente a Roma — entramos na Liguria, e, pela terra dos liguros, na linha circular dos Alpes que fecham com uma corôa de picos a Gallia cismontana. No sul da Italia reinam os vulcões, no norte imperam os rios; além o constructor da terra é o fogo, aqui a agua. De Taurasia (Turim) até Hadria que deu o nome ao mar onde vasa o Padus (Pó) estende-se uma planicie na qual se precipitam os rios formados pelas geleiras dos Apenninos ao sul e pelas dos Alpes ao norte e ao nascente. A linha do Pó divide por meio em toda a sua extensão a planicie, dando á Gallia cisalpina duas regiões — cis e transpadana. O declive é insensível e a terra das montanhas conduzida em suspensão nas aguas fórma o delta de nateiros que invade o mar; onde hoje está Hadria, a trinta kilometros da costa, foi mar; e o Adriatico subia em tempos remotos n'um golfo até á cidade etrusca de Melpo, em cujo lugar os gaulezes insubrios, depois de a arrasarem, construíram Mediolano (Milão) em 358, seculo e meio depois da fundação da republica romana. Diz-se que Mutina (Modena) assenta sobre um lago subterraneo; affirma-se que o delta do Pó ganha cada anno setenta metros sobre o mar. D'aqui por seculos, a Istria estará ligada á Veneza e Trieste nas margens de um lago, como Verona. A Lombardia, assim se diz desde o principio dos tempos modernos, a Gallia cisalpina, assim se dizia nos antigos, nasceu de um trabalho de colmatagem natural. O Pó e os seus affluentes foram os constructores do solo.

Essa condição dos rios que vasam em mares sem marés como o Adriatico — o que os torna inacessiveis á navegação maritima — foi porventura a razão pela qual a Cisalpina — ultima zona da Italia moderna romanisada no tempo da republica e só com o imperio unida á Italia propriamente dita — se não pôde constituir em nação independente á maneira da Hespanha e da Gallia transalpina, quando na decomposição do Imperio se formaram as nações néo-latinas. Ethnographicamente individualisada como gauleza ou celtica, a geographia dá-lhe uma unidade perfeita. É uma bacia hydrographica, circumdada por uma muralha de montanhas. Nascendo a oriente,

sobranceira ao golfo adriatico, a cordilheira dos Alpes caminha directamente para occidente : primeiro estão os montes illyrios, depois os carniolos, depois no centro os rethios, depois os penninos; então a cordilheira vira abruptamente para o sul e pelos montes graios, pelos cottios, vem acabar na Liguria com os Alpes maritimos. D'ahi, n'um labyrintho de montanhas, começa a formar-se o Apennino que, se não vem até ao Adriatico, chega perto d'elle, despedindo de si a torrente do Rubicon que encerra o perimetro da Cisalpina.

Tal é em breves traços essa Italia que successivamente irá cahindo sob o dominio dos romanos; tal é essa metade setentrional — a Etruria, a Cisalpina — com a qual Roma terá a ferir as primeiras batalhas que a necessidade de expansão e as luctas internas das suas classes lhe impõem.

.....
 Da cordilheira do Apennino que é a espinha dorsal da Italia descem lentamente para a costa occidental dois rios, o Tibre e o Anio (*Tevere, Teverone*), e fundidas as suas aguas vão desembocar no mar em Ostia. Sete ou oito seculos antes da nossa éra, ao norte do Tibre morava o povo dos tuscos, ou etruscos, ao sul do Anio o dos oscos ou ausonios, e no triangulo delimitado pelos dois rios, com o vertice inclinado sobre o mar, a gente semi-barbara dos sabinos.

Junto a este vertice foi assentar Roma, debruçada sobre a margem esquerda do Tibre que se tornou para ella a respiração e a vida, sobranceira ao rio cujas aguas barrentas de puzzolana avermelhada deslisam vagarosamente entre as margens paludosas.

A cidade dos romanos delimita por oeste essa região do Lacio antigo, theatro de pavorosas revoluções, berço dos mythos e lendas que lhes conservaram a lembrança. Curcio no seu antro, Caco vomitando chammias, eram a personalisação dos vulcões apagados do Lacio que outr'ora despejavam rios de lava sobre o mar estirado ao longo das campinas posteriores. Da lucta da agua e do fogo nasceu o lugar de Roma; e onde corre hoje o Tibre, um rio de agua, correram em tempos antigos torrentes de lume; onde agora ha lagos, o Albano, o Nemi que os romanos diziam *Espelho de Diana*, houve crateras — as fauces de Caco projectando lavas e fallando com voz de trovões, as muralhas de chammias com que Ceculo defendia Prenesto. As alturas d'essas montanhas vulcanicas, agora já cobertas de carvalhos e faias murmurantes revendo-se no *Specum Dianae*, cingem o territorio romano coroando a cidade que do character agreste do seu solo, das lembranças terriveis dos combates geologicos, dir-se-hia que tirou os motivos dominantes do seu temperamento historico.

Sabe-se que o mar se alongava em antigas epochas indetermi-

naveis até á raiz dos montes de Setia e Priverno, dezeseis kilometros da costa actual para o interior. No tempo de Strabão toda a costa latina entre Ardea e Ancio era alagadiça, e em Ancio começavam os celebres paúes pontinos, planicies de malaria cobertas de viço ondulando com a brisa do mar sob um céu claramente azul, n'uma placidez tepida e envenenadora, vastidão silenciosa onde se tinham dado as batalhas geologicas, podre como os campos de matanças, fecundo e fertil como a gleba adubada com sangue.

As lavas aglutinadas pela agua e pelo tempo foram pouco a pouco levantando do mar o Lacio e o lugar de Roma; foram ellas que formaram o tufo grosseiro das construcções primitivas da cidade; d'ellas veiu a puzzolana de que se compõem seis das sete collinas de Roma — só é rocha o Capitolio, como convém ao throno do mundo! — e com a qual os romanos amassaram o cimento eterno das suas muralhas; ellas deram as lages da via Appia, as aduelas da abobada da *Cloaca maxima* e as pedras dos muros do *Tulianum*. Ao mesmo tempo, as aguas saltitantes das cascatas de Tivoli, e as que se trasvasavam dos lagos-crateras, saturadas de acido carbonico ou de hydrogenio sulfurado, iam depositando gradualmente os stratos do travertino, esse calcareo leve e esbranquiçado que adquire ao sol e ao ar uma rizeza marmorea e tons quentes avermelhados, essa pedra de que só muito mais tarde, no periodo imperial, os romanos se serviram para construir o Coliseu e os monumentos coevos.

Expulso o mar, vencidas as ondas, já as aguas do Tibre se espreguiçavam mollemente na campina, insinuando-se por todos os valles d'esse terreno ondulado. Por entre as manchas brancas da agua, por entre as lagunas e paúes, cercados por atoleiros sem fundo, levantavam-se collinas; e á antiga batalha clamorosa dos elementos succedia a lucta obscura e silenciosa que dia a dia sublevava o solo cortando os braços do rio e fechando lagos, tornando os lagos em charcos, os charcos em lameiros, os lameiros por fim em terreno pingue e aravel.

Na batalha dos elementos surgira uma força nova — o homem com a sua enxada, abrindo regos, construindo vallas, dissecando e cultivando.

Assim nasceu Roma. Talvez que o ar severo e triste, improbo e taciturno, do temperamento dos romanos proceda tambem do character da sua campina...

De tal modo foram sabindo do chão apaúlado, ainda não defendidos porém contra as cheias do Tibre, esses valles, que deviam ganhar um renome universal, o Fôro, o Campo-de-Marte, o Velabro, e o Murcia onde se levantou o Circo. E emquanto dissecava e arava o solo alagadiço, o romano, com a mente assustada pelos antigos

relampagos de Curcio e pelos rugidos de Caco, venerava agora um novo medo, um mytho nascido do seu genio proprio, uma abstracção pratica e um deus symbolico da sua cidade — *Februus*, a febre, a malaria, cuja capella estava erguida no monte Palatino e a cujo culto fôra consagrado o mez de fevereiro, *februarius*.

Tal foi o local escolhido pelos ramnes (mateiros, lenhadores?) adoradores de Marte, o genio dos bosques, para assentarem a sua cidade. Fixaram-se na margem esquerda do Tibre a cerca de vinte kilometros da sua foz e chamaram ao acampamento ROMA — palavra que uns querem que venha do grego (*rome*) e signifique força, outros que venha do rio *Rumon*, o Tibre, o *fluente*, e signifique cidade-do-rio. Ao mesmo tempo, porém, Roma tinha um nome mystico, sagrado ou secreto, que ninguem podia pronunciar — *Quirium*, a cidade dos quirites? ou *Eros*, traducção grega de *Amor*, anagramma de Roma?

Os ramnes eram gente latina. Ficavam-lhes ao pé os ticios e luceres, aquellos sabinos, estes provavelmente latinos tambem. Federaram-se as tres republicas ou comunidades, fundindo n'um só culto o seu Olympo, com tres sacerdotes em cada um dos collegios — dos Arvaes, dos Lupercaes, dos Águres, das Vestaes, dos Salios. Celebravam no monte Palatino as festas federaes da *Lupercalia*. Eram um cantão de lavradores, fortificado na sua *arx* ou capitolio — a *cabeça* do obscuro estado — cultivando os campos em volta dos montes. Uma cidade de *boers*, na Africa austral, dá-nos uma idéa semelhante á da Roma primitiva.

Limitava-se ella, a *Roma quadrata*, ao monte Palatino, em torno do qual estava traçado o *mundus*. No Palatino tinha os lugares sagrados, as arvores symbolicas, as curias e assembléas — rudimento dos templos e palacios futuros. Estava ahi a praça dos comicios das curias (*curiae veteres*) cada qual com o seu lar sagrado, ahi o recinto augusto dos Salios, guardas do escudo sacrosanto de Marte, ahi o santuario dos Lupercaes e a residencia do sacerdote de Jupiter. Os rudes monumentos contavam as scenas legendarias das origens de Roma, com a historia de Romulo e os episodios classicos da fundação da cidade: a casa de colmo do heroe, a cabana de Faustulo, a figueira sagrada junto á qual parou o berço contendo os gemeos, a cerejeira cornelia nascida da haste da setta que o heroe lançou do Aventino sobre o valle do Circo, etc.

Porque motivo, porém, escolheram os romanos um local além de insalubre, agreste? Os campos não produziam figos, nem vinho; nascentes não havia, apenas o poço do Capitolio e a fonte das Camenas davam alguma agua. As ondas lodosas do Tibre não se podiam beber, apenas serviam para inundar periodicamente os campos, destruindo as vallas e mouxões... As lendas fallavam de emigrações

de Alba, perseguições arduas dos irmãos latinos a quem era dado gozar a delicia e a feracidade da terra interior.

Fosse esse o motivo, ou fosse a escolha voluntaria, a situação agreste de Roma, porém, deu origem á sua grandeza. As pestes do ar, as ingratições do solo, acharam-se compensadas pelo Tibre, fonte dos males e causa das fortunas. Roma foi a primeira cidade articulada a um rio, o Tibre foi o primeiro rio aproveitado como estrada. Fechado o interior da terra pelos latinos, os romanos expandiram-se para a costa e esta circumstancia deu um character novo a Roma. Rezavam as lendas que fôra o rei Romulo quem occupara a margem direita do Tibre e as salinas da foz do rio, e que fôra o rei Anco Marcio que fortificara o Janiculo e fundara Ostia.

Senhora de um porto, n'esse tracto de costa que os não tem, Roma tornava-se um ponto strategico. Ancorada no Tibre, a distancia do mar defendia-a dos piratas; podia juntar a faina commercial e maritima á da lavoura, conjugando a terra e o mar que até então eram dominios exclusivos das cidades interiores em, das costeiras, outro. Por isso a primeira magistratura da cidade era o *pontifex*, o engenheiro-sacerdote encarregado de velar pelas pontes sagradas do Tibre; por isso as armas de Roma foram primitivamente uma galé.

D'este character agricola-commercial vem a Roma, — quando já tem uma alfandega em Ostia e relações maritimas com os povos ultramarinos que precocemente lhe ensinaram a cunhar moeda — o infringir a regra commum do Lacio, o alargar constantemente os muros da cidade, que deixa de ser apenas, á moda antiga, a *arx*, ou fortaleza onde estão os thesouros e sacrarios, e onde o povo se acolhe nas occasiões de guerra. A população rural já não vive nas aldeias abertas, nos casaes abrigados á sombra da *arx*: emigra da campina para a cidade onde habita, d'onde sae diariamente para lavrar os campos inhospitos, voltando a encontrar-se nas encruzilhadas das ruas com a turba de commerciantes naturaes e estranhos que se accumulam em Roma.

Assim a cidade de um typo novo se vê forçada a alargar todos os dias o perimetro dos seus muros, aggregando a si os suburbios successivos. Já os *sate montes* — o Palatino, o Cermallo, o Velia, o Fagutal, o Oppio, o Cispio (formando estas tres alturas o Esquilino) e Subura — estão incluídos, quadruplicando a área primitiva ou *palatina*; já tambem, como suburbios fóra das muralhas, estão occupados os altos do Capitolio, e o Aventino para guardar o *pons sublicius* que na margem fronteira os postos do Janiculo defendem egualmente. Para além da cidade palatina assim engrandecida, para fóra do *Septimontium*, occupado pelas tres tribus dos ramnes, ticios e luceres, habitam nas alturas do Quirinal outros moradores independentes com a sua *arx* ou Capitolio, onde veneram Juno, Ju-



piter e Minerva, onde tem o templo do deus Fides, povo tambem votado a Marte, a divindade principal de todas as cidades italianas. A Roma *palatina* fundiu-se com a *capitolina* — como ? quando ? — e os collegios sacerdotaes funcionaram duplicados no Palatino e no Quirinal. O forte de Subura mantinha em respeito os *collini* do Quirinal, absorvidos pelos *montani* ou palatinos.

Tal é por fim a cidade circumscripita pelas muralhas ditas de Servio Tullio, cidade commercial e agricola ao mesmo tempo, maritima e rural, que, nascendo de uma aggregação successiva de tribus e guardando no seu seio os *sacra* de todas ellas, tem em embryão o destino de congregar em si todos os povos dentro dos muros ideaes do seu direito universal e abstracto, superior a raças, costumes, e cultos.

O alfoz da cidade do Tibre, os campos lavrados pelos seus moradores, não excediam nos tempos primitivos um raio de oito ou nove kilometros para o interior. Estavam por leste Antemnas, Fidenias, Cenina, Collacia, Gabia e outras cidades latinas ; estavam ao sul as republicas poderosas de Alba e Tusculo ; estava por norte a Etruria com Cera e Veios ; mas por oeste, ao longo do Tibre, Roma dominava no rio pelas suas margens até Ostia, sobre o mar. D'ahi lhe vinha a força, a riqueza e a vida : era a primeira cidade latina não exclusivamente agricola sem ser exclusivamente commercial e maritima, como Corintho ou Carthago. Por isso armava tres a quatro mil soldados, devendo contar dez mil ou mais cidadãos, quando a área do seu dominio não excederia trezentos kilometros quadrados.

Eis ahi o embryão do Estado que ha de herdar os fructos de todas as civilisações orientaes, para os transmittir ás occidentaes. A Italia, lançada no centro do Mediterraneo como uma ponte sobre a Africa, estava fadada para medianeira universal ; o romano, aprendendo o civismo, creando o direito, foi quem no mundo construiu a estrada real e pratica das sociedades, lançando tambem uma ponte abstracta entre os sonhos da metaphysica hellenica e a barbarie primitiva dos povos occidentaes.

OLIVEIRA MARTINS.

O CAÇADOR DE SANTA BARBORA

(EPISODIO MILITAR)

A cavallaria fôra mais uma vez repellida! Voltára á retaguarda, ao galope, a reformar e preparava-se para nova carga.

— Coragem, rapazes! aquelles cães hão de vir espetar-se nas vossas baionetas... Attenção!... Pontarias baixas... — recomendava, animando, o commandante do primeiro quadrado, dos cinco que formavam o escalão.

Os infantes, fixando as manobras da cavallaria, sentiam um arripio de medo a percorrer-lhes a espinha dorsal: o movimento precipitado das patas dos cavallos impressionava a retina extraordinariamente, dava allucinações... *Elles*, n'uma convulsão instinctiva, mordiam o cartucho, carregavam... O bater das coronhas das armas no sólo, as varetas *calcando* simultaneamente, tinham um ruído tympanico, impressionador, como o produzido pelo fechar d'um ataúde...

Aos toques de passo, trote, galope e carregar feitos pelo clarim, respondia o fogo vivo da infantaria. Os cavalleiros curvavam-se sobre os pescoços dos cavallos; uns, fechavam os olhos; outros ouviam, a espaços, erguer a cabeça e differençavam na frente, erriçada, ameaçadora, inexoravel a linha das baionetas que o sol fazia brilhar estranhamente.

O esquadrão avançava sempre, unido, compacto, n'uma grande velocidade, como rabido, ingente e feroz animal ferido pelo caçador...

Alguns cavalleiros davam comsigo em terra, tocados pelas balas. A marcha continuava porém. Os camaradas, na acção do instincto egoistamente animal, mal olhavam á retaguarda, a reconhecer os que cahiam mortos ou feridos.

— *Lá fica* o nosso 29!... o nosso 35!... o nosso 18!... — monologavam, n'uma expressão intraduzivel pela escripta, e seguiam apertando os seus cavallos n'um ataque de espora forte e insoffrido...

Os soldados de infantaria, cerrando o quadrado, preparavam-se para o choque. Para *elles*, n'aquelles momentos angustiosos, os cavalleiros tomavam proporções gigantescas, colossaes. A resonancia lugubre das patas dos cavallos fazia-os fremir e apertar instinctivamente.

A musica lançava ao espaço os accordes estropiados d'um galope, que insensivelmente recordava aos soldados o seu duplo fim selvagem: esconder os gemidos dos feridos e avigorar a coragem aos sãos!

O esquadrão avançava sempre, unido, compacto, n'uma grande velocidade, como rabido, ingente e feroz animal ferido pelo caçador...

O choque foi brutal e horrivel!

Os cavallos soltaram uns relinchos de dôr ao cahirem sobre as baionetas. A face do quadrado descreveu uma curva de grande concavidade... O ruido das cutiladas tinha um ecoar turbido, sombrio, funereo. As detonações davam a cruciante impressão moral do tiro á queima-roupa... As imprecações e os lamentos perdiam-se ao bater descompassado, atroador, das caixas de guerra e na recomposição de sons dos instrumentos de latão...

Aquelle primeiro acto d'uma tragedia horrivel, durou uns cinco minutos. Depois os gritos de terror suplantaram a harmonia do galope; elle mesmo se extinguiu em notas destacadas e dissonantes... O quadrado perdeu a consistencia; foi-se alargando, até que o grito alarmante de

— *Salve-se quem puder!*

o fez escoar n'uma linha obliqua — a do quadrado seguinte — como a agua que dominando a absorpção do sólo aonde cae, salta depois, impetuosamente, pelo declive para onde a gravidade a solicita. Assim, a lucta não foi menos horrorosa; a confusão recresceu...

No primeiro plano d'este quadro de destruição, destacam-se duas figuras: a d'um Caçador e a d'um Dragão de Chaves.

O Caçador é um soldado baixo, reforçado; tez morena; olhos negros; bigode sanhudo, indomavel. Se o coronel pudesse vê-lo re-

conheceria n'elle um voluntario da guerra Peninsular e um heroe do Bussaco, de Vitoria e do Bidassoa.

Corria em volta d'uma grande fraga da fórma d'um meio limão e carregava a arma. O rosto conservava-se-lhe sereno, como se estivesse n'um simples exercicio. Dir-se-hia que nada receiava d'aquelle combate singular a que as peripecias da batalha o haviam exposto: o Dragão perseguia-o, intimando-o a que se rendesse.

Como resposta engatilhou a arma. Parou; e tomando a propria fraga por apoio, firmou a pontaria... Fez fogo...

O cavalleiro surprehendera-lhe o movimento. Instinctivamente baixou a cabeça; e n'esses dois segundos supremos o cerebro repercutiu-lhe a ideia funerea de morte... lembraram-lhe os que deixava, *a sua terra*, tudo, tudo! n'uma intermittencia precipitada e n'uma rapidez incomprehensivel, estonteante!... Sentiu a bala zumbir-lhe proximo dos ouvidos... A imminencia do perigo passára... Levantou-se nos estribos, esporeou o cavallo e precipitou-se sobre o caçador, apertando biliosamente o punho da espada.

Este facto desanimou um quasi nada o soldado: o seu inimigo devia ter cahido... Não succedera, porém, assim... Cruzou a arma e esperou-o confiadamente.

A lucta foi sem palavras e desesperada!

As cutiladas succediam-se n'uma rapidez incrível; mas, a cada golpe, a espada do cavalleiro encontrava em boa guarda a arma do infante. Infelizmente o primeiro desarmou-o da baioneta e o oitavo ou nono partiu-lhe a espingarda pelo delgado. Então o duello tornou-se desleal, cobarde. O Caçador com o seu golpe de vista pratico, de velho soldado, comprehendeu que estava irremediavelmente perdido. Sentiu evadir-se por um sentimento de fraqueza; pensou mesmo em entregar-se... « Viver! — exclamou, para si ». Dominado por este pensamento, descurou insensivelmente da defeza e um bote o alcança: deita-lhe a barretina fóra da cabeça.

Este incidente provocou a reacção. Saltou de raiva: « Estava perdido, era verdade, mas havia de combater ainda assim. »

Pouco depois, reconhecendo a sua impotencia, limitou-se á defensiva, n'um desejo estoico de acabar luctando, desejo que animára Viriato no *Hermínio* e Martim Moniz á porta do Castello de Lisboa. Porém, n'uma volta precipitada, a espada do Dragão cae por ultimo sobre a nuca do caçador...

O sangue jorra; a cabeça d'aquelle bravo pende para sobre o peito; os braços estendem-se-lhe para diante, em busca de apoio; as mãos abandonam os restos da arma; o-corpo perde de todo o aprumo e tomba sobre o lado direito... O craneo racha de encontro á fraga... Apenas articulou um afflictivo:

— Jesus!...

Ao dar com o hombro em terra, as pernas encolheram-se-lhe e distenderam-se-lhe na acção mechanica da queda e n'uma ultima contracção.

Depois, ficou: a face voltada ao céo; os olhos revirados e ligeiramente convulsivos nas orbitas, na tortura suprema do seu transe; os dedos crispados; a lingua dilatada e o sangue manando.

Sobre o peito esquerdo descansavam-lhe algumas veneras...

O Dragão partiu, depois de *lhe* atirar como epigramma para sobre o cadaver:

— Anda, estupor; carrega agora!...

Foi assim que morreu aquelle voluntario da guerra Peninsular, aquelle heroe do Bussaco, de Vitoria e do Bidassoa, aquelle luctador, talvez inconsciente, da liberdade de sua patria.

O caso veridico do — Caçador de Santa Barbara — comprova-nos uma lei historica:

— Na eterna lucta entre a *ideia* e o *facto*, a reacção tem esmagado de preferencia os melhores patriotas!

F. SÁ CHAVES.

A EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE LISBOA EM 1884

(Conclusão)

V

Para terminarmos o rapido estudo que temos feito ácerca da Exposição agricola, resta-nos fallar especialmente dos cereaes, dos azeites, dos lacticinos e dos productos florestaes.

Fal-o-hemos resumidamente para não abusar da paciencia do leitor e não roubar maior numero de paginas da Revista a outros assumptos, senão mais importantes, pelo menos mais bem tractados.

A analyse da Exposição relativamente aos cereaes é bastante pobre de conclusões importantes; nada mais nos diz além do que já sabiamos ácerca das condições agricolas e economicas d'esta cultura em Portugal. É a que mais espalhada se encontra por todo o paiz, predominando o trigo nos districtos de Beja, Portalegre, Evora, Lisboa, Santarem e Faro; o centeio em Braga, Porto, Vizeu, Vianna do Castello e Bragança; o milho na Guarda, Castello Branco e Villa Real. Em conformidade com esta distribuição se apresentaram os differentes districtos, uns mais ricamente, outros mais pobremente, segundo os seus recursos pecuniarios ou o seu enthusiasmo pela Exposição, ou ainda segundo a *graça alcançada* pelos seus representantes perante os membros da commissão executiva.

A nossa produção annual em trigo anda por perto de 3 milhões de hectolitros, mas a quantidade que importamos, especialmente dos Estados-Unidos, é de tal modo avultada que põe em sério peri-

go a produção nacional, á qual excede em barateza, apesar das despesas do transporte. Torna-se d'absoluta necessidade occuparmos sériamente do estudo das causas que para isso contribuem, afim de lhe encontrarmos o remedio. Não o faremos agora, que nos falta o tempo e o espaço, para não dizer a competencia. O mal é geral em toda a Europa, perante a invasão dos cereaes americanos, e se na propria França se faz sentir, apesar dos seus processos de cultura já bastante aperfeiçoados, o que será entre nós, que conservamos inalteraveis os processos de ha muitos seculos!

Entretanto a nossa produção cerealifera póde sem grande custo dobrar, ou mesmo triplicar, porque seguramente cultivamos apenas metade, ou menos, dos nossos terrenos aptos para a cultura, sendo esta susceptivel ainda de barateamento pela reforma dos nossos velhos processos culturaes. Em lugar das lavouras fundas, cuja utilidade é palpavel, porque esmiuçando profundamente o sólo offerecem á planta maior cubo d'alimentação, nós apenas remexemos, ou antes arranhamos a camada superficial com o tosco arado virgiliano. Enormes vantagens se poderiam tirar da lavoura a vapor nas vastas lezírias do Ribatejo e nas extensas campinas do Alemtejo, umas e outras, hoje na maior parte, constituídas por charnecas incultas e que por este meio se transformariam em fertes campos de trigo.

As juntas dos districtos ou as camaras municipaes deveriam comprar apparatus completos para alugar aos lavradores mediante um preço razoavel. Seria este o melhor meio de conciliar as vantagens da lavoura a vapor com a falta de capitaes do pequeno e do mediano seareiro.

Mas não é só ao lavrador que compete aperfeiçoar o seu systema de cultura; aos governos compete tambem por seu lado dispensarem um pouco d'attenção ao estudo d'esta questão importantissima, procurando assim fixar a sua maneira de proceder. Deveria, por exemplo, indagar-se o que ha de licito ou de criminoso no monopolio artificialissimo dos negociantes de cereaes, que, formando um grupo omnipotente, subtrahem este genero de primeira necessidade na alimentação publica, á influencia das leis economicas, e lhe decretam o preço segundo as suas conveniencias particulares.

Por outro lado, ao passo que a nossa industria manufactora vegeta á sombra de fabulosos direitos protectores, vêmos a agricultura em quasi plena liberdade de commercio, nas suas relações, inclusivamente com aquelles paizes que menos vantagens reciprocas nos concedem.

Até 1816, época em que a nossa importação de cereaes americanos tinha logar em muito menor escala do que hoje, recebiam os Estados-Unidos, em troca dos seus trigos, os nossos vinhos, tanto

do continente como da Madeira, e isto mediante um pequeno direito d'entrada. N'aquelle anno, porém, sendo elevado esse direito a uma somma quasi prohibitiva, a nossa exportação de vinho para aquelle paiz diminuiu logo de metade, continuando em progressivo decrescimento nos annos seguintes, o que nos obrigou a exportar grossas quantias em moeda para pagamento dos cereaes recebidos.

Porque não tiraremos nós a desforra d'este pesadissimo tributo augmentando os direitos dos seus trigos e diminuindo, assim, a sua importação? Quem vinha afinal a soffrer com essa medida, seria o consumidor?

E a nossa agricultura não poderá collocar-se em condições de nos fornecer o pão sufficiente e por um preço regular?

E o governo não poderá, por um conjuncto de sabias medidas, facilitar essa transformação por que indispensavelmente tem de passar a nossa agricultura? Não terá força para reagir contra o grupo omnipotente dos negociantes de cereaes?

Desejaria vêr esta questão sériamente estudada e que um conjuncto de medidas apropriadas viesse trazer remedio a estes males, que se me afiguram bem graves.

Passemos a fallar ácerca dos outros grupos que nos faltam.

Quarenta e dois mil hectares approximadamente abrange entre nós a cultura da oliveira, com um rendimento annual de 150,000 hectolitros d'azeite, o que dá uma média de 3,5 hectolitros por hectare, producção que está bem longe de ser excessiva.

A oliveira pôde dizer-se que se dá bem em toda a extensão do nosso paiz, não sendo comtudo uniforme a sua distribuição por todo elle, e podendo este dividir-se em cinco grandes regiões olivícolas que têm por principaes centros, na de Traz-os-Montes, a chamada *Terra quente*; na da Beira, Castello Branco; na Extremadura, Santarem; no Alemtejo, Elvas, Extremoz, Evora, Serpa e Moura; no Algarve, Faro. Todas estas regiões figuravam na Exposição agricola, e d'esse facto se pôde dizer o mesmo que já disse dos cereaes, nada adianta ao que já se sabia. O respectivo jury ainda não publicou os seus trabalhos, e a este respeito só posso dizer que vi na Exposição o que todos viram, uma grande porção de garrafas cheias d'azeite.

A cultura da oliveira e o fabrico do azeite em Portugal são talvez, de todas as operações agricolas, as mais atrazadas e as que menos cuidados recebem da parte do agricultor; desleixo este de que resulta a sua baixa producção e a sua inferior qualidade, a ponto de na ultima Exposição de Paris o jury não querer considerar os nossos azeites como comestiveis, mas tão sómente proprios para machinas.

Ha excepções, bem as conhecemos, mas na grande generalidade os processos seguidos são os mais defeituosos.

A começar pelo esterilizador systema da apanha da azeitona, além d'isso quasi sempre tardio, depois as pessimas condições do seu entulhamento, que quasi sempre a dispõem a adquirir ranço; a nenhuma escolha do fructo; a reunião do azeite de todas as espremeduras, misturando o de primeira, o mais fino, com os das outras, o que não levanta o valor d'estes, mas abaixa o d'aquelle; o processo d'espremedura em apparatus de pequena força, o que dá logar a ficar perdido no bagaço uma grande quantidade d'oleo; e por ultimo a falta de cuidado e o defeituoso processo geralmente seguido na depuração, que lhe faz adquirir mau gosto e tendencia para se deteriorar.

O que acabo de dizer dos azeites com respeito á imperfeição do seu fabrico, pôde igualmente applicar-se aos lactínicos. Se exceptuarmos as Quintas districtaes e um ou outro agricultor, como o visconde de Villar d'Allen, que empregam apparatus aperfeiçoados e processos limpos e cuidadosos, todos os mais productores se limitam a deitar o leite dentro d'uma panella, onde o batem com uma colher de pau, ou com a mão até se separar a manteiga, processo que deixa ficar a maior parte d'esta por separar, perdida portanto; na salga usam do sal ordinario das cozinhas, não refinado, contendo sempre impurezas que estragam a manteiga.

Com taes processos é impossivel competir com os estrangeiros, os quaes attingem de tal modo a perfeição que fabricam manteiga admiravel d'apparencia e de gosto com materias extrahidas *dos esgotos das grandes cidades*, ao passo que nós, mesmo do *leite puro*, só conseguimos extrahir uma manteiga insupportavel.

Não pôde o nosso paiz comparar-se n'esta industria com os paizes do norte da Europa, entretanto a nossa producção é susceptivel de grande augmento, e senão a ponto de bastar para o consumo interno, com certeza a fazer diminuir a cifra de 648 contos de reis que annualmente gastamos na compra de manteigas estrangeiras.

O nosso clima, em geral pouco humido, presta-se pouco á exploração do gado bovino sob o ponto de vista da producção de leite; contudo no Minho, Traz-os-Montes e Beira já esta industria de ha muito deveria estar montada, porque são estas as regiões do nosso paiz em que a maior humidade da atmospherá facilita em extremo o envolvimento do sólo e a formação dos prados.

No districto d'Aveiro existe uma região productora de manteigas cujo centro é Cambra, e que se torna notavel pela quantidade e boa qualidade dos productos, relativamente aos processos empregados; a raça explorada é a Arouqueza, que por aquellas proximida-

des tem o seu solar e que apresenta tendencias de tal modo pronunciadas para a funcção lactígena, que hoje mesmo, longe de todos os cuidados hygienicos e zootehnicos, pôde rivalisar com as afamadas vaccas inglezas porque produz pouco menos leite que estas durante o periodo da lactação, e este muito mais manteigoso.

Se houvesse alguns cuidados na reproducção pelo emprego da selecção e não do *cruzamento com raças estrangeiras*, chegariam as vaccas d'esta raça a poderem classificar-se como de primeira ordem na funcção lactígena.

Se os actuaes processos defeituosos fossem substituidos pelos mais modernos e aperfeçoados, esta industria chegaria a obter aqui bastante importancia, porque poderiam facilmente triplicar os actuaes 20,000 kil., cifra approximada da sua producção annual.

É pena que Cintra, outro centro productor importante, não se fizesse representar na Exposição. Os seus productos estão no caso dos antecedentes e resentem-se, como estes, do pouco cuidado na reproducção do gado e do pouco esmero no fabrico.

O receio das falsificações das manteigas estrangeiras tende a fazer adquirir uma certa voga ás nacionaes; é necessario, portanto, aproveitar essa tendencia do consumidor offerecendo-lhe um producto bom e barato. Infelizmente parece-me que essas tendencias só fizeram augmentar os preços da manteiga portugueza, sem nada influir no esmero do seu fabrico.

Foi completamente negativa n'este ponto a influencia da Exposição agricola. Os premios n'ella conferidos ás manteigas mostraram que o respectivo jury não attendeu senão á boa qualidade dos exemplares expostos, mostrando profunda ignorancia d'um elemento importante do seu juizo, as condições economicas em que o producto foi fabricado.

Ao passo que nas manteigas de Cambra nem sequer se falla na lista dos premios, vêmos na cabeceira d'esta exactamente aquelles expositores cujos productos não representam o resultado d'uma industria estabelecida em condições normaes e que, por consequencia, não valia a pena premiar, porque o premio n'estas condições não pôde de fórma alguma incitar a futuros melhoramentos, e muito menos ao desenvolvimento d'esta industria.

Pelo contrario um premio dado aos expositores de Cambra, ainda que a qualidade do producto exposto o não merecesse, seria comtudo um incentivo bastante util ao aperfeçoamento e desenvolvimento d'uma industria que se apresenta com tão sérios elementos de prosperidade.

É preciso que nos convençamos que o saber vender manteiga aos freguezes é coisa muito differente de saber classificar-a, como membro do jury d'uma Exposição.

Passemos ás cortiças e madeiras. As nossas riquezas florestaes poderiam ser enormes, e todavia a nossa importação de madeiras é bastante consideravel, não obstante o limitado numero das nossas construcções civis e navaes.

Estes factos nos eram revelados pela Exposição: em vista da extraordinaria variedade de essencias expostas, mostrando a grande aptidão do paiz para a cultura florestal, nota-se o pequenissimo numero de individuos de cada especie existentes em Portugal, e mais ainda a raridade da sua reunião em macissos d'alguma importancia. Entretanto em toda a Europa estão sendo hoje as mattas um dos ramos mais attendidos da industria agricola, não só pelo interesse da producção de madeiras de construcção e de combustivel, como pela importancia da questão meteorologica e climatologica que com ellas se prende.

Dos nossos 8 milhões de hectares apenas 260,000 estão cobertos d'arvoredos, sendo a área inculta avaliada em perto de 4 milhões de hectares. As mattas do Estado occupam uma superficie de 25,000 hectares, sendo as principaes essencias que as povoam o pinheiro bravo e manso, o carvalho, castanheiro e sobreiro.

Ao contrario do que seria logico esperar em vista da sua importancia, estas mattas dão perda ao Estado!...

Percorrendo do norte a sul o nosso paiz encontra-se uma extrema variedade de plantas florestaes, e d'arbustos valiosos que disseminados pelos terrenos hoje incultos, e convenientemente explorados, constituiriam uma riqueza importante.

Assim em Traz-os-Montes temos o lodão, o amieiro, o roble, o carvalho alvarinho; nas montanhas os castanheiros formam, com os carvalhos, mattas de certa importancia; no Minho, o lodão, o vidoeiro, o teixo, o loureiro, o pinheiro, o castanheiro, o roble, os carvalhos alvarinho e cerquinho, e o sobreiro que não se dá bem geralmente. Na Beira encontra-se quasi as mesmas especies de Traz-os-Montes, e na serra da Estrella o zimbro, o azevinho, o teixo e o castanheiro. É na parte oeste da Beira e na Extremadura que se encontram as principaes mattas nacionaes, compostas quasi na totalidade de pinheiros bravos e mansos, occupando uma grande superficie, mas bastante diminuta comparativamente á muito mais extensa área occupada quasi exclusivamente por charnecas e terrenos arenosos.

No Algarve encontramos o castanheiro, a nogueira, os carvalhos e sobreiros, não formando, comtudo, macissos importantes; apparecem, porém, a figueira, a alfarrobeira e a palmeira, dando um caracter particular á vegetação do Algarve.

De proposito deixamos para o fim o Alemtejo e a parte sul da Extremadura para nos referirmos mais devidamente a uma especie

vegetal que hoje constitue uma das suas maiores riquezas. Fallo do sobreiro, lamentando, porém, que as mattas d'esta essencia não occupem nos districtos do sul a extensa superficie que poderiam occupar. Os montados que hoje existem são os restos que escaparam á destruição pelo fogo, que de longa data praticavam os pastores afim de obterem pastos para os seus rebanhos.

Os principaes productos do sobreiro são a madeira, que tem comtudo pequeno emprego na construcção por se não poder obter em grandes dimensões, sendo além d'isso tão impregnado de tannino, que os pregos e outras peças de ferro se deterioram rapidamente, o que limita ainda mais o seu emprego. Poderia talvez ser empregada para a extracção do tannino; — o carvão, que é de muito boa qualidade, e que podia ser fabricado com a madeira que já tivesse dado o tannino; — o fructo, a bolota, que serve no Alemtejo para engordar grande numero de cabeças de gado suino, juntamente com a da azinheira que acompanha o sobro nos montados; — e finalmente a cortiça, antigamente sem importancia, e que hoje adquiriu os fóros de principal producto, constituindo uma das principaes riquezas agricolas do Alemtejo.

Na Exposição, segundo consta do catalogo, apenas figuraram 60 expositores d'esta classe, e n'esses mesmos se encontram muitos que são apenas fabricantes de artefactos de cortiça e não productores, sendo tambem para notar que os districtos do sul, os que maior numero de montados possuem, não apresentaram maior numero d'expositores do que os outros districtos, em que esta producção está muito longe de ter o desenvolvimento, a importancia e o futuro que tem n'aquelles.

Terminaremos aqui esta revista, bastante incompleta, da Exposição agricola de Lisboa em 1884, e fazendo votos para que estes certamens se reproduzam periodicamente, pois que os seus bons resultados são manifestos e indiscutíveis.

Seria, porém, para desejar que a sua direcção fosse confiada a quem a podesse desempenhar convenientemente, e soubesse evitar as *irregularidades* que n'este se praticaram.

FILIPPE DE FIGUEIREDO.

QUESTÃO LITTERARIA

O ENSINO DA HISTORIA NOS LYCEUS

E O SNR. CONSIGLIERI PEDROSO

O artigo que publicámos no n.º 8 d'esta *Revista* sob o titulo de — *O Ensino da Historia nos Lyceus*, e onde analysámos o *Manual de Historia Universal* do snr. Consiglieri Pedroso, deu origem a uma polemica litteraria que se debateu na imprensa diaria entre o auctor do *Manual* e o auctor d'estas linhas. Como uma grande parte dos assignantes e leitores da REVISTA DE ESTUDOS LIVRES não teve conhecimento da questão, e na impossibilidade de publicar na integra, por falta de espaço, os quatro artigos que viram a luz no *Seculo* e na *Era Nova*¹, vamos resumil-os com a maxima imparcialidade, limitando-nos a transcrever os principaes trechos, quer de accusação, quer de defeza. Para maior garantia de justiça encarregou-se da condensação dos artigos do nosso adversario o illustre normalista, o snr. José de Sousa. Aqui deixamos consignado o nosso agradecimento.

*

Uma critica positivista (?)

«Prevenido» de que fôra publicada uma critica, sobre o seu *Manual de Historia Universal*, o snr. Consiglieri Pedroso procurou

¹ O *Seculo* n.ºs 1169, 1171, 1177, 1178 e 1180 e A *Era Nova* n.ºs 320, 321, 327, 328 e 330, de 30 de outubro a 12 de novembro. A *Discussão*, do Porto, transcreveu estes artigos nos n.ºs 283 e seguintes.

«tomar immediatamente conhecimento da referida critica, a fim de aproveitar d'ella o que fosse justo para o aperfeiçoamento da obra», justificando essa sua intenção com algumas palavras que escreveu no prologo da primeira edição do seu livro, em que diz que «*não deixará o auctor de acceitar, utilizando-as nas futuras edições, quaesquer correccões ou suggestões, que, com motivado fundamento, algum leitor complacente lhe quizer indicar... que elle (compendio) tem muitas imperfeições e lacunas sabe-o melhor que ninguem o auctor...*»

O snr. Pedroso diz que são tres as censuras que o snr. Bastos dirige ao seu livro: 1.^a falta de plano systematico e de alcance scientifico; 2.^a que é insufficiente para o ensino porque omitta factos historicos de grande importancia; 3.^a que está crivado de erros os mais graves, que provam a leviandade com que o snr. Pedroso escreveu o *Manual de Historia Universal*. O snr. Pedroso censura a linguagem, e diz que não baixará a imital-a. Como «uma represalia de legitima defeza», ao que lhe diz dos seus conhecimentos de philosophia positiva, e para verem os leitores como o snr. Teixeira Bastos «comprehende este preceito de probidade scientifica, e como elle cumpre escrupulosamente com os deveres de critico... positivista», aponta um trecho de Ranke que o snr. Bastos «*cita doutoralmente*»..., «*o qual está mal traduzido e erradamente citado...*», erros que «revelam uma deploravel falta de consciencia scientifica... e finalmente denunciam um plagiato surrateiro», porque, «a pag. 160 do *Systema de Sociologia* cita o snr. Theophilo Braga o mesmo trecho com a *mesma incorrecção de traducção, e com o mesmo erro de citação.*»

Declara tambem o snr. Pedroso que para não demorar a réplica e por falta de tempo não pôde «*verificar a exactidão dos trechos dos tres auctores que o snr. Bastos cita, para critica do... livro... , acreditando provisoriamente na sua veracidade (das citações).*»

Defendendo-se da accusação de *transigencia com o mundo official*, o snr. Pedroso faz notar que na historia dos Judeus, no capitulo dos patriarchas, escreveu: *Tradições biblicas etc...*, distinguindo-as da *Historia politica*.

No que diz respeito a Nabuchodonosor, diz que o snr. Bastos não percebeu Lenormant, nem o que elle escreveu, e appoia-se na opinião de Weber para confirmar o que havia escripto, não se admirando que elle (snr. Pedroso) «tivesse commettido um certo numero de inexactidões, mas que um critico que quer ser implacavel, invoque erudição que não possui... é o que revela uma leviandade que custa a comprehender, em quem é tão prompto a accusar os outros de levianos.»

O referido professor, para provar que não ha contradicção no

que diz relativamente a Sidon e Tyro, aponta os exemplos de Athenas, de Sparta, e mais modernamente da Austria.

O snr. Pedroso havia escripto a proposito da concordata de Worms, que « o plano de Gregorio VII tinha falhado, e a lucta terminava por uma transacção, em que decerto a Egreja não levava a melhor ». E o snr. Teixeira Bastos disse « *doutoralmente* » que os historiadores affirmam o contrario. O snr. Pedroso, em contraposição ao *livrinho* citado pelo snr. Bastos (ZELLER : *Historia resumida da Italia*) aponta-lhe o que dizem Duruy, George Weber, Cesar Cantu. Ajunta o snr. Pedroso : « Já vê o leitor que n'este ponto o *livrinho* de Zeller illudiu o snr. Bastos, transformando a sua ignorancia n'uma fatuidade presumpçosa. »

A respeito de Arnaldo de Brescia e da sua execução, o snr. Pedroso « sorrindo-se da ingenua confiança e segurança com que o snr. Teixeira Bastos contou a historia de Arnaldo de Brescia », appoia-se, para confirmar o que havia escripto a este respeito (que fôra Frederico Barbaroxa, que fizera executar o grande apostolo da liberdade) em Weber e Cesar Cantu.

O snr. Pedroso apresenta, em seguida, a observação como unico recurso da sciencia astronomica, dizendo que a analyse spectroscopica é um recurso da *physica solar*, que na opinião do snr. Pedroso é sciencia diferente da astronomia, e extranha a « confusão que para o snr. Teixeira Bastos assume as proporções de um erro de palmatoria ! »

O snr. Pedroso diz não querer terminar sem responder « a um curioso argumento da auctoridade, que o snr. Bastos invoca ao comecar a sua critica. » Refere-se a um distincto escriptor e a um ornamento do professorado portuguez, os quaes corroboravam a opinião do snr. Teixeira Bastos, segundo este dissera, mas sem lhes citar os nomes. O snr. Pedroso em opposição cita « o nome de dois distinctos escriptores, cuja alta valia » não pôde deixar de ser reconhecida e acatada pelo auctor da critica. São os snrs. Theophilo Braga e Oliveira Martins, que o snr. Consigliéri Pedroso affirma que « pensam em harmonia com as proprias idéas » sobre « o enorme serviço » prestado com o seu compendio.

Termina emfim com este periodo :

« E como tenho por agora que dar por finda esta réplica, seja-me licito, como ultima palavra de toda ella, dizer ao snr. Teixeira Bastos que para a outra vez seja mais justo e menos leviano nas suas apreciações.

« Podem para o futuro publicar-se no paiz muitos livros, tão mãos... como o meu, se quizerem. O snr. Bastos, porém, que começou a sua critica por um triste plagiato, que a continuou com uma provada má fé, e que a concluiu com uma lamentavel igno-

rancia, é que perdeu a força moral para poder scientificamente julgal-os. »

J. DE S.

*

No mesmo dia em que *O Seculo* e a *Era Nova* publicaram o artigo do snr. C. Pedroso, dirigimos ás duas redacções uma carta em que, appellando para o julgamento imparcial do publico, pediamos a transcripção da nossa critica e repelliamos as injustas e absurdas accusações de um *Post scriptum*, com as quaes nada tinhamos por não sermos editor nem proprietario da REVISTA. Sendo-nos recusada essa transcripção, a melhor réplica que podiamos dar ao auctor do *Manual de Historia Universal*, tivemos de lhe responder com o artigo

Réplica a uma pretendida refutação

o qual ambos os jornaes se promptificaram a publicar.

N'este artigo, desviando a questão do campo pessoal, para onde a desejava levar o nosso adversario, sustentámos tudo o que tinhamos avançado, pela fôrma seguinte:

« O nosso artigo ficou de pé. O fogo de palha que s. exc.^a acendeu fez muito fumo, mas as nossas affirmações bem comprovadas subsistem inabalaveis.

« Dissemos e tornamos a dizer: — « o *Manual de Historia Universal* não satisfaz ao fim a que visa, quer o consideremos sob o ponto de vista synthetico, quer sob o ponto de vista analytic. » E isto não foi uma affirmação vaga; demonstramol-o com toda a precisão methodica, estudando primeiro o compendio no seu conjunto, e em seguida nas suas particularidades. Sem paixão, sem o mínimo pensamento reservado, pois não tinhamos qualquer indisposição pessoal contra o snr. Pedroso, notámos successivamente a falta de unidade, de plano definido, de base chronologica, de criterio historico e pedagogico e depois, passando a uma analyse mais particular, levantámos ao acaso erros de facto, inexactidões, anachronismos, mystificações, noções incompletas, faltas de redacção, na historia do Egypto, da Assyria e Babylonia, da Judéa, de Roma, da Edade média, etc. »

As queixas do snr. Pedroso ácerca do nosso rigor, quando elle foi o primeiro a reconhecer no seu livro « imperfeições e lacunas » contrapuzemos os periodos do seu prologo, onde eleva o compendio acima de todos os livros elementares de *Portugal e Hespanha*, collocando-o na parte que trata da Edade media ainda acima de



todos os que ha *no estrangeiro*. Trepou para o pedestal sem jus e não queria que fossemos iconoclasta!

Mas o ponto de mira do nosso adversario consistia em lançar muita poeira no ár a fim de abafar a nossa critica. Recorreu para isso a um ataque ardiloso. Accusou-nos de termos *plagiado surra-teiramente* ao *Systema de Sociologia* de Theophilo Braga uma citação de Ranke, incorrectamente traduzida e erradamente citada!... Porém, o snr. Pedroso, desprezando os precedentes estabelecidos na nossa critica, affirmou, mas não provou cousa alguma. « A affirmação por si só não constitue prova. A lealdade de homem de bem impunha-lhe o dever inilludível de provar o que avançava. Podiamos apresentar o trecho no original, mas é a s. exc.^a a quem compete fazel-o. »

Outro tanto não succedera comnosco. Dissemos que elle não conhecia Augusto Comte, apesar de se inculcar positivista, e demonstrámol-o. No seu artigo tinhamos mais uma prova — o dizer que um discipulo de Comte não devia confundir a *physica solar* com a *astronomia* — quando na realidade, segundo a classificação hierarchica do mestre são uma e a mesma sciencia. Além d'isso « o snr. Pedroso ignora que a analyse spectral é um processo com applicação igual na astronomia, na physica propriamente dita e na chimica, como pôde vêr se quizer consultar os importantes trabalhos de Kirhhoff, Bunsen e outros. »

Como o snr. Consiglieri Pedroso nada mais oppuzesse em sua defeza ás arguições que lhe fizemos, estudando o livro no seu conjunto, passamos a considerar os pontos, a que pretendeu responder, da nossa analyse particular. Ao mesmo tempo fomos notando que deixou no silencio as nossas observações sobre a historia do Egypto, a omissão da Chaldêa, a grande massa de inexactidões, de erros, de faltas de redacção na historia dos Assyrios e Babylonios, na dos Phenicios, dos Judeus, dos Romanos, etc.

Tendo o snr. Pedroso affirmado que não comprehendemos Lenormant, quando o citamos para demonstrar o anachronismo em que cahira ao occupar-se dos círcos e da tomada de Jerusalem por Nabuchodonosor, recorremos a Gustave Tridon para provar que o anachronismo existia sempre. O snr. Consiglieri Pedroso diz que « *por duas vezes* o monarcha babylonico tomou Jerusalem » quando de facto foi *por tres vezes*.

Fingindo o auctor do *Manual* não comprehender as nossas observações á sua affirmação de que os Phenicios em tempo algum constituiram uma nação, tivemos de recorrer a Littré, para que o notavel sabio lhe ensinasse a significação da palavra *nação*.

O snr. Pedroso procurou defender-se da sua transigencia com o mundo official na historia da Judêa, com os titulos dos capitulos e

com algumas palavras que equivalem a uma confissão. Não foi além dos theologos e dos exegetas, diz o auctôr do *Manual*, antes ficou áquem de muitos d'elles, concluimos nós.

Ácerca dos erros abundantes na historia da Edade media, o snr. Pedroso indignou-se por lhe citarmos a *Historia resumida da Italia* de Zeller, a que chama desdenhosamente *um livrinho!*... Pois o *Manual de Historia Universal* « tem pouco mais de metade das paginas d'aquella e estas muito menos compactas. » Depois o snr. Pedroso para nos refutar foi apoiar-se na *Historia Universal resumida* de Duruy, « exactamente do mesmo formato e onde forçosamente a historia da Italia se acha muito mais condensada! » Não obstante isso o mesmo trecho de Duruy, citado pelo snr. Pedroso, está mais de accordo com Zeller sobre a concordata de Worms, do que com o auctor do *Manual*. E George Weber, como provamos, é inteiramente da opinião do mesmo Zeller. O mesmo succede com o caso do grande Arnaldo de Brescia, que segundo Weber foi entregue ao papa por Frederico Barbarôxa, e não morto por este como affirmou o snr. Consiglieri.

Respondendo a todos os pontos do artigo do nosso adversario, só fizemos uma excepção a respeito das aggressões pessoaes. O snr. Pedroso *não desceu* a imitar a nossa linguagem serena, embora rude. Não deviamos tambem abandonar a nossa placidez habitual para *subir* como elle á linguagem vehemente da paixão.

Em fim concluimos com o seguinte periodo :

« Queremos mais uma vez mostrar ao snr. Consiglieri Pedroso que as suas testemunhas de defeza vêm depôr contra as suas affirmações. Vimos Duruy e Weber. Ouçamos a opinião auctorizada de um antigo mestre do snr. Consiglieri Pedroso e do auctor d'estas linhas. Em resposta a uma carta, em que participavamos ao dr. Theophilo Braga a resolução de escrever algumas verdades amargas para o seu ex-discipulo e seu collega no Curso superior de letras ácerca do *Manual de Historia Universal*, respondeu-nos o nosso bom amigo, em carta datada de Airão, 11 de setembro, o seguinte : « O compendio *está abaixo do que poderia fazer* como professor de Historia Universal e a par dos compendios de Doria e Medeiros Botelho... O que me custa é vêr que elle, tendo obrigação de cooperar para a renovação do ensino da Historia, *atola-o* no sulco em que o deixaram os outros auctores. » Permitta-nos em vista d'isto, o snr. Consiglieri Pedroso que ponhamos em duvida... a fidelidade da sua memoria. No estado de satisfação interna de si mesmo em que se acha normalmente s. exc.^a não é de extranhar que interpretasse mal as palavras do dr. Theophilo Braga ou que se illudisse *no tempo*, attribuindo á execução o que se referia á idéa da tentativa! É uma coisa tão facil! »

*

Uma critica positivista (?)

Na segunda réplica que começa logo por protestar que será a ultima, o snr. Consiglieri Pedroso extranha que o snr. Bastos « depois de dez dias de ponto » venha á imprensa chamar ao seu artigo « fogo de palha » e não respondesse á accusação de « plagiato » e de « má fé » na apreciação das suas palavras. E prosegue:

« Mas vejamos; provou o snr. Bastos no seu novo artigo que não plagiou, no começo da sua critica (mau começo, em verdade!), uma citação errada do *Systema de Sociologia* do snr. Theophilo Braga? Esta é que é a primeira questão e não fuja d'ella.

Não provou. A minha accusação categorica responde pedindo-me que lhe cite o texto allemão e os enganos. Pois não, com todo o gosto. Mas primeiro deixe-me dizer-lhe que não foram dois os enganos que commetteu, como eu disse, mas tres, na tal desgraçada transcripção. Vamos ao caso. O snr. Bastos cita o passo de Ranke pela seguinte fórma: *tomo I, pag. VII* (como o snr. Theophilo Braga cita).

Ora fique o snr. Bastos sabendo em primeiro lugar, que a historia de Ranke, que se intitula *Weltgeschichte*, tem dois tomos 1, ou melhor o tomo 1 está dividido em duas *Abtheilungen*, cada uma com numeração em separado. Aquella de que se trata tem o sub-titulo seguinte:

Die aelteste historische Voelkergrup und die Griechen. Já vê que quem cita só « tomo 1 », mostra que não viu nunca o livro e que plagiou a citação. Mas ha mais. O snr. Bastos cita pag. VII (como o snr. Theophilo Braga citou). Ora fique o snr. Bastos sabendo que não é a paginas VII, que se encontra o trecho que transcreve, mas a paginas V (Vorrede). Já se vê que..... eu tenho razão. Quer agora o texto allemão? Pois ahí vae, e veja se descobre a incorrecção (milagrosamente reproduzida no livro do snr. Theophilo Braga) que me ajudou a pôr na esteira do seu plagiato: « *Eben darin aber besteht die Aufgabe der welthistorischen Wissenschaft, diesen Zusammenhang zu erkennen, den Gang der grossen Begebenheiten, welcher alle Voelker verbindet und beherrscht, nachzuweisen.* »

O snr. Consiglieri Pedroso, referindo-se á época mythica dos patriarchas, diz que « o snr. Bastos insiste, ou porque realmente não comprehendeu ainda o que eu escrevi a tal respeito... ou porque reincide na sua má fé... » Mas é escusado perder tempo, continúa

o snr. Pedroso, porque a sua réplica é para o publico e não para o snr. Bastos.

Sobre o caso de Joakim II manda vêr Weber e Ledrain, e sobre a significação da palavra *nação* diz ao seu contendor que estude bem a definição que transcreveu de Littré. No caso de Arnaldo de Brescia e da concordata de Worms, estranha o snr. Pedroso que o snr. Bastos nada dissesse com relação a Cesar Cantu, affirma que a obra de Weber citada por elle, snr. Pedroso, é differente da que se serviu o seu adversario, e que o trecho de Duruy lhe é favoravel, falsificando-lhe o snr. Bastos o sentido. Volta novamente á questão da analyse espectral, citando Augusto Comte, e repetindo que *phycica solar* não é o mesmo que astronomia.

Arrepellido de responder da primeira vez ao snr. Teixeira Bastos, o snr. Pedroso termina a sua réplica desejando ao seu critico mais felicidade em futuras arremettidas, « e dizendo os motivos que o inibem de apreciar o trecho d'uma carta do snr. Theophilo Braga, citado pelo snr. Bastos, accrescenta que só tem a dizer ao snr. Bastos, « e *bem categoricamente*, que depois do livro publicado e de o haver lido, o snr. Theophilo Braga *lhe* disse exactamente o contrario do que escreve agora.»

« Tenho dito n'esta polemica e d'esta vez sem voltar a responder », conclue o snr. Consiglieri Pedroso.

J. DE S.

*

Ponto final

Começamos a nossa segunda réplica por mostrar que « este titulo significa simplesmente que o snr. Consiglieri Pedroso... abandonou o campo » declarando não voltar a responder e arrepende-se de veras de nos ter respondido da primeira vez. Fugia da discussão com um ligeiro fogo de retirada que como o seu primeiro artigo só tinha por fim armar ao effeito para illudir os incautos. Tanto assim que teve o cuidado de notar que estivessemos dez dias de ponto, esquecendo-se conscienciosamente de que gastara tres semanas para nos responder e que havia tres dias que estava o nosso original na redacção, de que faz parte o mesmo snr. Pedroso. Coisas pequeninas...

Eis o importante :

« Quando escrevemos o nosso estudo critico sobre o *Ensino da Historia nos Lyceus* tinhamos em vista prestar um bom serviço ao

publico, esclarecendo-o sobre o valor real de uma obra de fanqueria que era lançada no mercado com grandes reclames e pretenções e sob a protecção de um nome novo, que tinha a obrigação moral de contribuir para levantar o ensino publico á altura dos modernos trabalhos pedagogicos e scientificos. O snr. Pedroso, como professor de historia no Curso superior de lettras, podia e devia fazel-o, empregando os ricos materiaes que possui nas obras grandes de que faz tanto alarde, nos Weber, nos Ranke, nos Ledrain, etc., em vez de se limitar a cortar a lapis de côr, sem o minimo criterio historico, a *Historia universal resumida* de Duruy.

O snr. Pedroso, no seu primeiro artigo, para occultar a razão que estava do nosso lado, evitou logo tocar na questão principal, a unica importante, e tentou desviar-a para uma citação de Ranke, perdida no fim de qualquer paragrapho. Era um estratagemma muito velho. Nós provocámol-o a publicar o trecho no original. S. exc.^a fel-o, mas na precipitação da fuga esqueceu-se de dar aos leitores a sua traducção. Não importa, um erro de pagina nada vale; o importante é o principio assente pelo grande historiador, principio que escaudou o snr. Consiglieri, porque está n'elle exactamente a maior condemnação do seu *Manual* — da sua falta de plano, da sua ausencia de criterio de filiação, do seu completo desconhecimento do encadeamento das civilizações. Conhecer as doutrinas historicas de Ranke e defendel-as, embora se erre na citação de uma pagina, que significa?... Mas conhecendo-se Ranke, podendo-se fabricar um excellente compendio, faltar-se inteiramente aos seus principios mais essenciaes, e dar-se ao publico um livro de especulação mercantil, será isto perdoavel? Respondam-nos os homens de consciencia.

Este golpe da primeira resposta do snr. Pedroso não foi, porém, contra nós, visou mais alto. Todos o comprehenderam. E vem agora s. exc.^a fallar-nos de delicadeza de sentimento! Ninguem, menos do que o snr. Consiglieri Pedroso, tinha o direito de envolver n'esta polemica o nome do snr. dr. Theophilo Braga. O publico sabe-o. E no emtanto foi s. exc.^a quem o trouxe para a tela da discussão. Portanto os lamentos do snr. Pedroso são lagrimas de crocodilo, como diz a voz do povo.»

O snr. Pedroso não quiz perceber Littré, nem Weber, nem Duruy, nem qualquer outro auctor dos que foram chamados de uma ou de outra parte. Aproveitou, comtudo, um pouco da discussão sobre a spectroscopia, apesar de continuar a mostrar ignorancia sobre o que seja physica solar e sobre a classificação comteana das sciencias. Agarrou-se n'um derradeiro impeto á *Historia dos Italianos* de Cantu e nós para não sermos deshumano passamos adiante.

Emfim recapitulando, dissemos: «O snr. Pedroso, ácerca do

ponto de vista de conjuncto, para nós o mais importante, nada apresentou em sua defeza. Só tentou responder a alguns factos dos que apontamos na parte analytica e isso mesmo procurando sophismas, torcendo os trechos originaes, interpretando mal os auctores, bailando sempre ao redor dos factos, sem nunca diligenciar comprovar a superioridade do seu compendio *sobre nacionaes e estrangeiros.* »

*

Pozemos assim ponto na questão. Mas a fuga inesperada do snr. Consiglieri Pedroso e o não desejarmos demorar mais um ou dois dias a nossa ultima réplica, fez com que não confrontassemos o trecho allemão publicado pelo nosso adversario com o original. A traducção livre que tinhamos dado no nosso primeiro artigo interpretava perfeitamente a idéa do auctor; o snr. Pedroso não ousou negar isso, e emquanto a nós a idéa é o essencial. A questão importante para o nosso adversario e a que nunca ligamos valor era a de erro de citação, erro de pagina. Mas todas as accusações que a tal respeito nos fez, foram dirigidas não contra nós, a quem elle chamava *plagiario*, mas contra o nosso respeitavel amigo e nosso collega na direcção d'esta REVISTA, o dr. Theophilo Braga. Não era digno e honesto o procedimento do snr. Pedroso. E no emtanto, ainda mesmo depois de nos accusar de usarmos de má fé para com elle, nunca lhe attribuímos a mesma prenda, apesar do dictado popular dizer que cada qual julga os mais por si. De boamente preferimos crêr que houvera tanto da parte do dr. Theophilo Braga, comò da nossa, um engano de citação, tão facil de succeder a quem trabalha sobre apontamentos escriptos e colligidos com o tempo, — do que pôr em duvida uma affirmação tão formal e categorica: «O snr. Bastos cita pag. VII (como o snr. Theophilo Braga citou). Ora fique o snr. Bastos sabendo que não é a paginas VII, que se encontra o trecho que transcreve, mas a paginas V (Vorrede). Já vê que. . . . eu tenho razão.» Diante d'estas palavras e sobretudo depois d'esta reticencia quem ousaria duvidar? Por este motivo, só a instancias de um nosso amigo e distincto critico, que desejava vêr o trecho no original, abrimos o volume I da obra de Leopoldo von Ranke — *Weltgeschichte* e procuramos a paginas V o trecho citado. Com indescriptivel pasmo não o encontramos na referida pagina e fomos descobri-lo na pag. VII (como o dr. Theophilo Braga e nós haviamos citado) desde a linha 15.^a até á 19.^a! . . . É

BIBLIOGRAPHIA

La separacion de la Iglesia y el Estado, por JUAN ENRIQUE LAGARRIGUE.
Santiago, Imprenta Victoria, 1884. Broch. in-8.º de 27 pag.

A philosophia positiva, pelos antecedentes da colonisação da America do Sul, que se estabeleceu sob a disciplina catholico-monarchica, acha n'esses novos estados as condições para se substituir evolutivamente ao velho regimen ficticio que dirigiu as consciencias e a organização social. Esses estados já deram o primeiro passo, reorganizando-se sob a fórma republicana, e o progresso da instrucção publica leva a entrever que a positividade mental virá a dirigir os espiritos, para os quaes o regimen theologico é contradictorio e insufficiente. Esta situação nova apresentou-se no Chile pela proposta da separação entre a igreja e o estado, proposta que não foi attendida pelo presidente Domingo Santa Maria. O illustre positivista chileno Juan Enrique Lagarrigue, auctor do precioso livro *La Religion de la Humanidad*, fez a analyse critica do acto presidencial em um opusculo eloquente, mostrando a necessidade de sahir d'esta anarchia das consciencias por falta de uma doutrina unanime que já não póde ser fornecida pelas theologias, e como a sciencia é o unico meio para fundar esse novo poder espirital de que a sociedade moderna tanto carece. Entre as causas que aggravam a anarchia moral do nosso tempo, o snr. Lagarrigue cita o *Jornalismo*, «o poder espirital effectivo da nossa época, poder espirital que certamente nada esclarece, e que em troca corrompe muito. Tão poderosa é a anarchia actual, que chega a invadir o proprio campo dos catholicos. Ahi está a proval-o o vergonhoso espectáculo de sacerdotes convertidos em jornalistas. Estes symptomas manifestam que o poder espirital catholico perde cada vez mais a sua dignidade, renegando o seu nobre destino moral. Isso provém, de que se intenta garantir a theologia, condemnada necessariamente a extinguir-se, em vez de sustentar e vivificar a religião.» (pag. 7) Em Portugal vemos tambem esta anarchia deploravel; os jornaes clericas como *A Palavra*, são os mais virulentos na linguagem, e são elles que fomentam conciliabulos ca-

tholicos, como o do palacio de Castello Melhor, obrigando o seu papa a enviar-lhes benções pelo telegrapho. É um systema decahido em plena e inconsciente dissolução. Lagarrigue observa outro facto importante da anarchia jornalística: « Porém o jornalismo é por si tão degradante que perverte as melhores almas.» Em Portugal atravessa-se actualmente uma extraordinaria crise moral; o jornalismo chegou ao extremo grão de abjecção, não só no desvario de uma linguagem sem idéas, como pela confusão das personalidades com as doutrinas, e pela sophismação calculada dos principios aos interesses de momento. A pedantocracia constitucional aluga escriptores, como os saíões e esbirros do despotismo. O bom senso publico afasta-se d'este hediondo espectáculo, como quem não quer reconhecer essa fórma mal esboçada do poder espirital. Ainda ha dias se deu um facto comprovativo. O velho jornalista Antonio Rodrigues Sampaio, que chegou a ministro e presidente de conselho pela imposição jornalística, no momento em que se abriu ao publico a subscrição para levantar-lhe um tumulo, achou-se só como homem a quem nada se deve, e a subscrição apesar de apregoada não passou de cento e tantos mil reis. Outro jornalista, Manoel de Sousa Cargueja, que durante vinte annos redigiu o *Commercio do Porto*, quando o seu cadaver foi conduzido para a terra da sua naturalidade, apenas foi acompanhado por uma carruagem, lamentando differentes jornaes esta dura ingratidão do publico para com aquelle que nunca o dirigiu. O que se passa em Portugal é commum a toda a Europa, como symptoma da crise dos espiritos. O clericalismo explorando o theologismo ficticio liga-se com a pedantocracia constitucional, que é uma prolongação da anarchia revolucionaria acobertada com fórmulas sempre sophismadas. Ao poder temporal convém que se não estabeleça um poder espirital compativel com a razão humana, como ao theologismo interessa que o poder temporal se não reorganise pela democracia. É d'este angustioso dilemma que a sociedade moderna tem de sahir, sendo a fórma mais pratica a separação da igreja e do estado.

THEOPHILO BRAGA.

Historia da secca do Ceará (1877 a 1880) pelo snr. RODOLPHO THEOPHILO
— Fortaleza 1883. 1 vol. de 508 pag.

É uma importante monographia o trabalho que com este titulo recebemos ha alguns mezes e que devemos á amabilidade do auctor, o snr. Rodolpho Theophilo, um cearense devotado de coração ás cousas da sua provincia. Ninguem decerto ainda esqueceu os horrores causados por essa secca, que se prolongou por tres annos, com o funebre cortejo da fome e da peste, — horrores, que em Portugal serviram de pretexto para festas de caridade, mais de ostentação, do que com o fim de soccorrer sinceramente as victimas de tão lamentavel acontecimento.

A historia propriamente da secca é precedida de uma introdução geral e circumstanciada ácerca da provincia do Ceará, das suas condições geographicas, geologicas, orographicas e hydrographicas, do seu clima, do seu minerio, da sua fauna e flora, das suas industrias extractiva, agricola, criado-

para e fabril, do seu commercio, das suas rendas publicas, das suas instituições sociaes, etc., tudo fundamentado e comprovado com valiosos dados estatisticos. A grande secca de 1877 a 1880, como se vê n'esta introdução, não é um facto isolado, não foi um acontecimento excepcional na provincia do Ceará. Diz o snr. Rodolpho Theophilo: « Quando não chove depois do equinocio de março, está declarada a secca, tristissima calamidade que, de 1710 a 1879, dezeseis vezes ha assolado a provincia, estancando-lhe as fontes de riqueza, aniquilando-lhe a industria, dizimando-lhe a população nos horrores inenarraveis da fome e da peste. » (pag. 12) Tambem não foi esta a primeira secca que durou alguns annos; houve já as de 1723 a 1727 e de 1790 a 1793. O snr. Rodolpho Theophilo chega a observar « uma notavel coincidência na repetição d'essas sinistras calamidades: é a sua correspondencia secular. » (pag. 13); o snr. barão de Capanema, embora sem fundamento plausivel, fôra mais longe, pretendendo achar com inabalavel evidencia uma relação constante entre as seccas do Ceará e as minimas de manchas solares. (pag. 496) O que, porém, é certo, apesar de se desconhecerem as leis que regulam os periodos de seccas, é que estas se repetem com maior ou menor intervalo e com mais ou menos intensidade n'aquella provincia do Brazil. Torna-se, portanto, digna da mais aspera censura a incuria dos governos, que, devendo auxiliar os esforços dos individuos e tomar mesmo a iniciativa, onde a acção pessoal é impotente, para prevenir as consequencias desastradas de um mal inevitavel, nada faz e abandona á *providencia divina* a sorte dos habitantes de tão vastas e importantes regiões, com enorme prejuizo não só d'elles, como de todas as outras provincias do imperio, sobre as quaes vae pesar a verba de soccorros publicos, que durante a ultima secca subiu a 27.622:157\$410 reis fracos! Juntem-se a esta verba os incalculaveis valores perdidos na propria provincia do Ceará, sabendo-se que a exportação do café desceu durante a secca de 2.615:573 kilogrammas (em 1877) a 135:137 (em 1880) e a do assucar de kilos 2.163:546 (em 1876-77) a 355 sómente (em 1879) e que o dizimo do gado grosso baixou de igual modo de 85:771\$315 reis (em 1876) a 1:199\$800 reis (em 1878)! O senador Leão Velloso, citado pelo auctor, avaliou a riqueza pastoril do seguinte modo:

1876.....	22.388:000\$000 reis
1878.....	31:300\$000 reis

Acrescente-se a tudo isto o numero de victimas causadas pela fome, pelas doenças, pela miseria. Só em 1878 morreram 118:297 pessoas no Ceará. E as creanças que ficaram orphãs durante a secca? « Vimos as humilhações, as miserias que soffriam estes pequenos infelizes, diz o snr. Rodolpho Theophilo. Aviltados pela necessidade, pediam esmolos, depois viciavam-se ao contacto dos perdidos nas tabernas e nos mercados publicos; e, pervertidos, os meninos entregavam-se ao furto; as desgraçadas meninas, á prostituição!» (pag. 445) São pungentissimos os quadros traçados pelo auctor n'estas paginas!

« Se se tivessem feito estudos durante as seccas de 1825 e 1845 » affirma com toda a razão o snr. R. Theophilo, « não se teriam perdido tantas vidas », nem haveria a lamentar tantas desgraças, tantas ruinas. A incuria dos governos, sempre condemnavel, tem comtudo origem n'um vicio das instituições que regem as vastissimas regiões do imperio do Brazil. É a centralisação politica e administrativa. Prejudicial em todas as nações, mesmo as mais pequenas como Portugal, a centralisação torna-se fonte de enormissimos embaraços e de incalculaveis prejuizos n'um paiz extensissimo como o Brazil, onde cada provincia tem as condições indispensaveis de vida propria e de rapido desenvolvimento. Basta attender-se ao que do Ceará diz o snr.

Rodolpho Theophilo : « A população da provincia augmenta com grande rapidez ; duplica em periodo talvez inferior a 25 annos, graças á salubridade do clima e á fertilidade do sólo. » (pag. 53) Ora a leitura d'esta obra, onde o auctor historia mez a mez o desenvolvimento e as consequencias da secca, levará a todos os espiritos a convicção que este sinistro acontecimento nunca teria attingido as horribes proporções que tomou com a agglomeração de indigentes nas cidades, com a variola, o beri-beri e outras doencas, se o governo provincial podesse livremente occorrer ás necessidades de momento, sem estar sujeito ás ordens superiores do governo geral e ás intrigas e caprichos dos deputados e senadores, representantes do Ceará no parlamento brasileiro. As hesitações dos presidentes da provincia, em razão da obediencia ao governo do imperio, as deliberações absurdas d'este, no meio da mais completa ignorancia das medidas que se deveriam tomar, o cumprimento insensato que por vezes aquelles tentavam dar ou davam a taes deliberações, como a da emigração e a da suspensão de soccorros, arrastaram a provincia ao estado de miseria em que se encontrou ao terminar a secca, em 1880. Assim um mal inevitavel, mas facil de suavisar por sãs medidas preventivas, aggravou-se desmedidamente graças á incuria dos governos e ainda mais aos defeitos da centralisação administrativa.

Esta monographia representa, na realidade, um aviso salutar para os cearenses ; mostra-lhes a necessidade de se precaverem com açudes e outras obras de iniciativa individual contra as seccas provaveis n'um futuro mais ou menos proximo. Ao mesmo tempo compete aos governos, quer provincial, quer geral, não desprezarem essa advertencia, e procurarem por meio de construcções publicas e de regulamentos sériamente formulados para a administração de soccorros em casos de sinistro, preparar-se para o que possa acontecer. Mais vale prevenir do que remediar. Mesmo desastres como os da secca de 1877 a 1880 não teem remedio possivel ; e uma sensata prevenção tel-os-hia quasi evitado. É o que se conclue da leitura d'este livro.

Dispersos nas paginas da *Historia da secca do Ceará* ha alguns elementos folkloricos relativos áquella provincia. Como o nosso amigo Theophilo Braga os aproveitou nas notas aos *Contos populares do Brazil*, do dr. Sylvio Roméro, não os reproduzimos aqui, como tencionavamos, para conhecimento dos nossos folkloristas.

TEIXEIRA BASTOS.